

## Genocídio no Camboja, a Instalação de um Tribunal Penal Internacional Inócuo e a Preservação da Memória

*Fernando Silveira Melo Plentz Miranda<sup>1</sup>*

**Sumário:** 1 Introdução. 2 Liberalismo Econômico, Ideologia Comunista e Imperialismo. 3 A Grande Guerra, Revolução Russa e a Segunda Guerra Mundial. 4 ONU, *Komintern* e a Guerra Fria. 5 Maoísmo, Khmer Vermelho e Guerra Civil no Camboja. 6 Poder, Ruptura Social e Genocídio no Camboja. 7 Guerra Contínua, Política Internacional e “Pôncio Pilatos”. 8 Desinteresse, Democracia e o Tribunal Tardio. 9 Conclusão. Referências Bibliográficas.

### **Resumo**

Este estudo tem por objetivo examinar os motivos que motivaram a ascensão do poder no Camboja do grupo denominado Khmer Vermelho, genocídio ocorrido em território cambojano no período do Kampuchea Democrático, como também a instalação do Tribunal Penal Internacional no Camboja.

### **Abstract**

This study aims to examine the reasons that motivated the rising power of the group called the cambodian Khmer Rouge genocide in cambodian territory in the period of Democratic Kampuchea, as well the installation of the International Criminal Tribunal in Cambodia.

**Palavras-chave:** Imperialismo; Guerras Mundiais; Guerra Fria; Camboja; Khmer Vermelho; Genocídio; Tribunal Internacional.

**Keywords :** Imperialism; World Wars; Cold War; Cambodia; Khmer Rouge; Genocide; International Tribunal.

### **1 Introdução**

O presente escrito tem como objetivo inicial demonstrar o processo histórico que culminou com a criação de um regime comunista totalitário no Camboja, sob a liderança do grupo denominado Khmer Vermelho, que iria instalar o governo mais fechado do mundo à época e, que levaria às últimas instâncias, a formação de uma nova sociedade, comunista e rural, assassinando milhões de pessoas para concluir os loucos desejos dos seus líderes.

Atingido o objetivo inicial, verificaremos que, uma vez instalados no poder, o Khmer Vermelho manteve uma política genocida contra o próprio povo, levando a morte e o terror à

---

<sup>1</sup> Mestre em Direitos Humanos Fundamentais no Unifieo. Especialista em Direito Empresarial pela PUC/SP. Professor do Curso de Direito da Universidade de Sorocaba e da FAC São Roque. Pesquisador integrante do GESTI (Grupo de Estudos de Sistemas e Tribunais Internacionais) ligado ao Unifieo. Advogado e Administrador de Empresas.

população, durante um período que seria conhecido como Kampuchea Democrático, bem como os motivos da queda do governo Khmer Vermelho em 1979.

Analisar-se-á, por fim, os principais eventos da política internacional nas décadas de 1980 e 1990, que repercutiram primeiramente na aceitação pela comunidade internacional dos genocidas do Khmer Vermelho e, posteriormente, na perseguição aos seus líderes absolutos e na instalação de um Tribunal Penal Internacional décadas após a queda do governo Khmer vermelho.

## **2 liberalismo Econômico, Ideologia Comunista e Imperialismo**

O Império Khmer floresceu na Ásia, mais precisamente na região onde atualmente se encontram a Tailândia (antigo Sião), o Camboja, o Laos e o sul do Vietnã, tendo seu apogeu político entre os séculos IX e XIII, sendo uma monarquia absolutista budista com capital constituída na cidade de Angkor<sup>2</sup>. Ao longo dos séculos, principalmente no início do século XIX, em função do processo de independência e de diversas invasões vietnamitas e siamesas, os domínios do Império Khmer foram se reduzindo ao território que corresponde ao atual Camboja. As antigas monarquias asiáticas tal como a Khmer, mantiveram suas economias eminentemente agrícolas o que levou, embora grandes avanços técnicos do Oriente – pólvora, por exemplo – a que quase todos os povos asiáticos fossem conquistados a partir do século XIX pelos europeus.

O fato que levou aos europeus a supremacia econômico-militar no século XIX foi, sem dúvida, a Revolução Industrial, porque até então, nenhuma região ou povo detinham as condições de desenvolvimento técnico e econômico que possibilitassem a conquista de vastas regiões. Antes da Revolução Industrial, a Europa como o Oriente, baseava a sua economia na agricultura, sendo que os europeus entre os séculos XV e XVII passaram a criar novas formas de comércio<sup>3</sup>, a acumular riquezas na forma de metais preciosos<sup>4</sup>, a desenvolver inventos de grande utilidade – altos fornos e imprensa, entre outros – além da especialização das profissões nas

---

<sup>2</sup> Angkor é um sítio histórico protegido e permanece como um dos principais atrativos turísticos do Camboja.

<sup>3</sup> Com a queda de Constantinopla, capital do antigo Império Romano do Oriente, encerrou-se a Idade Média e iniciou-se a Idade Moderna, sendo relevante que o comércio europeu com o Oriente sofreu um revés, pois os muçulmanos bloquearam as rotas comerciais, levando aos descobrimentos e a novas rotas de comércio.

<sup>4</sup> A riqueza européia foi extraída, se não totalmente em grande parte, da exploração das Américas, em que destacamos a seguinte passagem sobre a cobiça espanhola e européia: “(...) a força e o tormento não foram suficientes: os tesouros arrebatados não preenchiam nunca as exigências da imaginação, e durante muitos anos escavaram os espanhóis o fundo do lago do México em busca do ouro e dos objetos preciosos que os índios teriam escondido”. GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Galeno de Freitas. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 31.

idades, que cresciam gradualmente<sup>5</sup>. Este sistema econômico europeu fora conhecido como feudalismo, em que os senhores feudais controlavam a terra e desta retiravam a riqueza através do trabalho humano dos servos, que se sujeitavam ao trabalho “quase” escravo. O sistema feudal acabou gerando o absolutismo na Europa, uma vez que os Estados, assim como o sentimento de nacionalidade<sup>6</sup>, foram sendo formados neste contexto, propiciando segurança para a formação e acumulação do capital europeu, difundidos nos países que primeiramente consolidaram a sua identidade nacional, notadamente a Grã-Bretanha e a França.

O momento da mudança do paradigma econômico, que iria catapultar as nações européias a condição de dominarem praticamente todo o mundo no século XIX, ocorreu com a mudança do sistema econômico, que passara do feudalismo para o capitalismo a partir dos efeitos da Revolução Industrial ocorrida a partir de 1780, em que “pela primeira vez na história da humanidade, foram retirados os grilhões do poder produtivo das sociedades humanas, que daí em diante se tornaram capazes da multiplicação rápida, constante, e até o presente ilimitada, de homens, mercadorias e serviços”.<sup>7</sup> A fase inicial do capitalismo é marcado pelo liberalismo econômico, adotando o princípio da *Laissez-Faire*<sup>8</sup>, primeiramente na Grã-Bretanha que foi o berço da Revolução Industrial e, após, em alguns outros países europeus que se industrializaram, notadamente aqueles banhados pelo Atlântico Norte. Entre os teóricos da economia da época, se destaca o pensamento de Adam Smith, que rompera com o pensamento econômico mercantilista que apregoava que a riqueza estaria sustentada na acumulação de metais preciosos, e criara um novo conceito de riqueza, baseada na produção de objetos úteis, ou seja, bens produzidos pelo homem e que pudessem ser utilizados de forma útil<sup>9</sup>. Sobre tais pressupostos, as economias dos países europeus industrializados desenvolveram-se, gerando um acúmulo vertiginoso de capital<sup>10</sup> e tecnologia, com a rápida urbanização e industrialização das cidades. Contudo, esta expansão

<sup>5</sup> VILAR, Pierre. A transição do feudalismo ao capitalismo. In: **Do feudalismo ao capitalismo: uma discussão histórica**. Theo Santiago (org.). Tradução de Theo Santiago. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1988, p. 40.

<sup>6</sup> “Surgiram nações, as divisões nacionais se tornaram acentuadas, as literaturas nacionais fizeram seu aparecimento, e regulamentações nacionais para a indústria substituíram as regulamentações locais. Passaram a existir leis nacionais, línguas nacionais e até mesmo Igrejas nacionais. Os homens começaram a considerar-se não como cidadãos de Madri, de Kent ou de Paris, mas como da Espanha, Inglaterra ou França. Passaram a dever fidelidade não à sua cidade ou ao senhor feudal, mas ao rei, que é o monarca de toda uma nação.” HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Tradução Waltensir Dutra. 20ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1984, p. 79.

<sup>7</sup> HOBSBAWN, Eric J. **A Era das revoluções: Europa 1789-1848**. 21. ed. Tradução Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p. 50.

<sup>8</sup> Por este princípio, o Estado não deveria intervir na economia.

<sup>9</sup> SANTOS, Raul Cristovão dos. De Smith a Marx: a economia política e a marxista. In: GREMAUD, Amaury Patrick (et al). **Manual de economia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 68.

<sup>10</sup> “*Capital* designa os materiais necessários para a produção e comércio de mercadorias. As ferramentas, os equipamentos, as instalações das fábricas, as matérias-primas e os bens que participam do processo produtivo, assim como os meios de transporte dos bens e o dinheiro – tudo isso é capital.” HUNT, E. K.; SHERMAN, Howard J. **História do pensamento econômico**. Tradução de Jaime Larry Benchimol. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 34. Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania – Volume 5 – nº 1 - 2014

das cidades européias criou efeitos reflexos: os problemas sociais, o início da subordinação do trabalho fabril e a exploração do proletário pelo detentor do capital, o capitalista, entre outros.

Com o início da produção em massa nas indústrias européias, o trabalho deixou de ser altamente especializado, como na época das corporações de ofício, passando a ser mecanizado e extremamente limitado, ou seja, se antes da Revolução Industrial uma única pessoa conhecia todas as etapas da produção de um determinado produto, nas indústrias, cada homem realizava apenas uma parte do produto final, fazendo com que o trabalhador não necessitasse de praticamente nenhum preparo, estudo ou conhecimento. Este fato fez com que as pessoas fossem facilmente substituídas no mercado de trabalho, tornando o homem tão-somente um mecanismo na engrenagem da produção; fez-se então o surgimento do proletariado<sup>11</sup>, que não tinha nenhuma proteção contra a subordinação das, agora, relações de emprego, tampouco regras que estabelecessem as condições de trabalho ou normas protetivas. A exploração do trabalho do homem nas indústrias não tinha limite, todos deveriam trabalhar: homens, mulheres, crianças, velhos, doentes, etc., a fim de receber o seu salário – indigno – caso contrário, seriam simplesmente substituídos por outros. Agregadas às condições degradantes no trabalho fabril, os problemas sociais cresciam de forma avassaladora, pois as cidades estavam crescendo sem absolutamente nenhum controle, degradando e destruindo o modo de vida com que as pessoas – notadamente os trabalhadores – acostumaram-se durante séculos, fazendo com que as condições de vida se tornassem deploráveis. Em meados do século XVIII, na Grã-Bretanha, apenas duas cidades possuíam mais de 50.000 habitantes, um século depois, em meados do século XIX, vinte e nove cidades já possuíam mais de 50.000 habitantes e aproximadamente um terço dos cidadãos daquele país já viviam nas áreas urbanas<sup>12</sup>. Assim, as grandes cidades européias por volta de 1850, estavam superpovoadas e se assemelhavam a um imenso cortiço, sem saneamento, sem

---

<sup>11</sup> O escravo é vendido de uma vez para sempre; o proletário é forçado a vender-se diariamente, de hora em hora. Todo escravo, individualmente, propriedade de um só dono, tem assegurada a sua existência, por mais miserável que esta seja, pelo próprio interesse do amo. O proletário, por seu turno, é propriedade da classe burguesa; assim, não tem assegurada a sua existência – seu trabalho só é comprado quando alguém tem necessidade dele. A existência só é assegurada à classe operária, não ao operário tomado individualmente. O escravo está à margem da concorrência; o proletário está imerso nela e sofre todas as suas flutuações. O escravo conta como uma coisa, não é membro da sociedade civil; o proletário é reconhecido como pessoa, componente dessa sociedade. Consequentemente, embora o escravo possa ter uma existência melhor, o proletário pertence a uma etapa superior de desenvolvimento social e situa-se, ele próprio, a um nível social mais alto que o escravo. Este se liberta, quando, de todas as relações da propriedade privada, suprime apenas uma, a escravatura, com o que, então, torna-se um proletário; em troca, o proletário só pode libertar-se suprimindo a propriedade privada em geral.” ENGELS, Friedrich. **Política**. Organizador da coletânea José Paulo Neto. Tradução José Paulo Neto et al. São Paulo: Ática, 1981, p. 86.

<sup>12</sup> HUNT, E. K.; SHERMAN, Howard J. **História do pensamento econômico**. Tradução de Jaime Larry Benchimol. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 74.

saúde, sem educação, com altíssimas taxas de mortalidade infantil e violência<sup>13</sup>; este modelo de rompimento do paradigma social e econômico, a urbanização e o capitalismo, seriam questionados e revertidos (mesmo que temporariamente e a força) na segunda metade do século XX em vários países mundo afora, inclusive no Camboja.

Na efervescência da Europa em meados do século XIX, em função da exploração do trabalho do homem pelo homem, pelas lutas sociais dos proletários, e, principalmente em resposta ao liberalismo econômico e ao capitalismo, dois pensadores comunistas alemães, exilados em Londres, publicam em fevereiro de 1848, o *Manifesto do Partido Comunista*; estes homens eram Karl Marx e Friedrich Engels. Nesta obra, afirmavam os autores que os comunistas eram diferentes dos demais partidos operários porque desejavam uma revolução extra fronteiras, ou seja, considerando que o capitalismo se constituía em um modelo econômico adotado em muitos países, o comunismo deveria ser alastrado a todos os cantos do mundo, onde houvesse o capitalismo, logo, o comunismo não deveria respeitar fronteiras; desejavam que os explorados se organizassem em classe social totalmente independente e desvinculada dos burgueses capitalistas, organizando-se em partido político para a “derrubada da supremacia burguesa, conquista do poder político pelo proletariado.”<sup>14</sup>

Desta forma, o liberalismo econômico e o capitalismo passaram a ter uma alternativa, que seria o socialismo oriundo da formação de um novo estado a partir dos ideais comunistas. Desenvolveu-se e formatou-se uma nova teoria econômica comunista, a partir dos pensamentos de Marx nos volumes da obra *O Capital*, em que o autor transcreve o seu ideal político-partidário-revolucionário, nas seguintes passagens:

Com efeito, para uma classe que não deverá a sua emancipação senão ao seu próprio esforço, o primeiro passo para consegui-la é a sua formação em partido conscientemente hostil aos seus opressores. Organização, independentemente de todos os partidos burgueses, qualquer que seja a divisa destes, de todos os condenados ao salário; de todos os que vêm a sua atividade subordinada no seu exercício a um capital monopolizado pela minoria burguesa; organização da força interessada em acabar com a sociedade capitalista; separação de

---

<sup>13</sup> HOBBSBAWN, Eric J. **A era do capital**. 1848-1875. Tradução de Luciano Costa Neto. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 295.

<sup>14</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. Com ensaios de Antonio Labriola, Jean Jaurès, Leon Trotsky, Harold Laski, Lcien Martin, James Petras. Osvaldo Coggiola (org.). Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 1998, p. 51.

classes em todos os terrenos e guerra de classes para chegar à sua supressão; tal é a razão de ser do partido operário.<sup>15</sup>

E continua:

Somos partidários de recorrer à força para alcançar a liberdade, do mesmo modo que em certos casos patológicos há de recorrer ao colete de força para conseguir a cura; uma vez esta conseguida e recuperada completamente a saúde, goza-se a liberdade completa dos movimentos, porém, enquanto dura a enfermidade proíbe-se mover a parte do corpo cujos movimentos comprometeriam a saúde em geral. Se é ser autoritário o negar a liberdade, durante o período de tratamento que exija a modificação da ordem social, a aqueles cuja ação poderia pôr em perigo a nossa reorganização, então nós somos autoritários. Queremos proceder autoritariamente contra a classe inimiga, e queremos suprimir as liberdades capitalistas, que impedem a expansão das liberdades operárias.<sup>16</sup>

Sobre a revolução, afirma Marx:

Os revolucionários não hão de escolher as suas armas como tampouco o dia da revolução. Nesse ponto, só terão que se preocupar com uma coisa: a eficácia das suas armas, sem se inquietarem com sua natureza. Não há dúvida que, a fim de assegurar as probabilidades de vitória, deverão ser aquelas superiores às dos seus adversários, e, por conseqüência, haverão de utilizar todos os recursos que a ciência põe a disposição dos que tem alguma coisa que destruir.

Em resumo, o proletariado deve recorrer à força para conquistar o poder político, cuja posse é indispensável para chegar à sua emancipação. À força burguesa, à legalidade burguesa, à sistematização da força posta continuamente ao serviço dos privilégios econômicos da burguesia, é necessário opor a força operária, a qual, uma vez senhora do poder político, criará por sua vez uma nova legalidade, e procederá legalmente à expropriação econômica daqueles e

---

<sup>15</sup> MARX, Karl. **O capital**. 2ª ed. Tradução e condensação Gabriel Deville. Bauru: Edipro, 2003. p. 28.

<sup>16</sup> MARX, Karl. **O capital**. 2ª ed. Tradução e condensação Gabriel Deville. Bauru: Edipro, 2003. p. 38.



quem derrubou violentamente do poder. Este modo de ação está prescrito nos fatos: os que empregam a força não podem ser vencidos senão pela força.<sup>17</sup>

Em que pese todas as teorias econômicas e revolucionárias de Marx, o século XIX transcorreu ainda sobre o vigor do liberalismo econômico<sup>18</sup>, e mais, fora da Europa, os poucos países industrializados passaram a uma verdadeira corrida pela conquista de territórios, o que denominou-se de imperialismo.

A lógica do Imperialismo é fundamentalmente econômica, pois as nações industrializadas necessitavam cada vez mais de matérias-primas para as suas fábricas, como também necessitavam de mercados consumidores para os seus produtos industrializados. Os primeiros países imperialistas foram a Grã-Bretanha e a França, que foram os que inicialmente se industrializaram e que já possuíam uma estrutura política e econômica estruturada. Além disto, estas duas nações já mantinham companhias marítimas de comércio desde o século XVI, o que lhes permitiu conhecer e manter postos de comércio (conseqüentemente algumas tropas militares) em outras terras, principalmente na África e na Ásia oriental.

O que conquistou mais colônias, o mais influente, poderoso e agressivo de todos os países imperialistas foi, sem dúvida alguma, a Grã-Bretanha, berço da Revolução Industrial. Na Ásia, os Britânicos conquistaram o subcontinente indiano (território que atualmente concentra a Índia e o Paquistão), a Birmânia e parte da China (território interior, além de cinco importantes portos – entre eles Macau – além da ilha de Hong-Kong, tudo após a Guerra do Ópio entre 1840-1842); na África dominaram a África do Sul, Uganda, Quênia, Somália Britânica, Sudão, Gâmbia, Serra Leoa, Costa do Ouro, Nigéria e o Egito<sup>19</sup>. Com todas estas conquistas coloniais, somadas as colônias espalhadas pelas Américas e na Oceania, formou-se o bordão de que “o sol não se põe sobre a bandeira britânica”.

De outro lado, a França também se tornou imperialista e, mantendo a constante rivalidade com a Grã-Bretanha, passou a conquistar novas colônias a serem exploradas. Na África, dominou uma série de países (atuais Marrocos, Argélia e Tunísia), bem como outros territórios, que chamou de *África Ocidental Francesa* (Guiné, Senegal, Daomé, Níger, Costa do Marfim, Alto Volta e Mali), além dos territórios que denominou de *África Equatorial Francesa* (Gabão,

<sup>17</sup> MARX, Karl. **O capital**. 2ª ed. Tradução e condensação Gabriel De ville. Bauru: Edipro, 2003, p. 55.

<sup>18</sup> Apesar do liberalismo econômico continuar exercendo influência, gradativamente as lutas sociais começaram a oferecer resultados, ainda no século XIX, ao menos na Europa, tais como: liberdade dos operários de organizarem, jornada de trabalho, reconhecimento do direito de greve, etc.

<sup>19</sup> AQUINO, Rubim Santos Leão de. (et al). **História das sociedades**: das sociedades modernas às sociedades atuais. 3. ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1988, p. 201-13.

Congo Brazzaville, Chade, e República Centro-Africana). Na Ásia, os franceses dominaram a parte do sul da China, e também a Indochina, basicamente o território do que outrora fora o Império Khmer (atuais Camboja, Laos e Vietnã)<sup>20</sup>. Formalmente (de fato fora uma conquista militar), o Camboja tornara-se um protetorado francês em 1863, a pedido do rei Ang Duong, sendo o território incorporado à União da Indochina em 1887; a monarquia no Camboja fora mantida pela França tão-somente por interesses políticos, posto que o rei subordinava-se aos interesses franceses na região.

Outros países, ainda no século XIX, industrializaram-se, tornando-se imperialistas, contudo, tardiamente em comparação com a Grã-Bretanha e a França, caso da Alemanha, da Itália, da Rússia, do Japão e dos Estados Unidos da América (EUA)<sup>21</sup>. Estas nações partiram para o expansionismo e conquista de colônias, dominando territórios na África e na Ásia que ainda não haviam sido alvo dos britânicos ou franceses, realizando uma verdadeira corrida de ocupação e dominação, gerando, desta forma, enormes atritos entre todos estes países imperialistas, que culminariam com as grandes guerras do século XX.

### 3 A Grande Guerra, Revolução Russa e a Segunda Guerra Mundial

Em decorrência do Imperialismo, os países imperialistas economicamente e militarmente poderosos, após dominarem colonialmente grande parte do mundo<sup>22</sup>, no final do século XIX,

---

<sup>20</sup> Compete destacar que o Sião (atual Tailândia), país fronteiro com o Camboja e o Laos a leste, e, com a Birmânia a oeste, manteve-se independente, não tornando-se colônia de nenhuma nação imperialista. AQUINO, Rubim Santos Leão de. (et al). **História das sociedades:** das sociedades modernas às sociedades atuais. 3. ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1988, p. 201-13.

<sup>21</sup> As razões do imperialismo posterior destes países é diversa. A Alemanha passara por um processo de unificação comandado por Bismarck (o trono fora dado a Guilherme I, sendo Bismarck seu ministro), que envolvia questões políticas e guerras (contra a Dinamarca em 1864, contra a Áustria em 1866 e, finalmente, a Guerra Franco-Prussiana de 1870, resultando na derrota da França que se opunha a unificação, a conquista pela Alemanha dos territórios franceses da Alsácia e Lorena, que motivou um profundo sentimento belicoso entre franceses e alemães. A Itália também passara por um processo de unificação que perdurou de 1852 a 1870, comandado ao norte por Cavour e ao sul por Garibaldi (que lutara ao lado dos Farrapilhas no sul do Brasil, a partir de 1835, na guerra dos Farrapos). Rússia e Japão permaneceram isolados e pouco industrializados ao longo do século XIX, mas buscaram industrialização bem como a expansão dos seus territórios, especificamente no continente asiático. Estas duas nações entraram em conflito, pois seus interesses chocaram-se durante a ocupação de parte do território chinês, bem como do coreano, culminando com a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905), com a vitória japonesa sobre os russos, com conseqüências futuras, posto que pela primeira vez uma potência asiática derrotava uma européia, cristalizando a fraqueza do czarismo russo, que levaria aos acontecimentos de 1917. Por fim, os EUA consolidaram o domínio sobre o seu vasto território e passaram por uma Guerra Civil (1861-1865); posteriormente anexaram partes do território mexicano, e, na Ásia, ocuparam o arquipélago do Havaí, a ilha de Formosa e as Filipinas. BARBEIRO, Heródoto. **História geral.** São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1984, p. 249-68.

<sup>22</sup> “A supremacia econômica e militar dos países capitalistas há muito não era seriamente ameaçada, mas não houvera nenhuma tentativa sistemática de traduzi-la em conquista formal, anexação e administração entre o final do século XVIII e o último quartel do XIX. Isto se deu entre 1880 e 1914, e a maior parte do mundo, à exceção da Europa e das Américas, foi formalmente dividida em territórios sob governo direto ou sob dominação política indireta de um ou outro Estado de um pequeno grupo: Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália, Holanda, Bélgica, Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania – Volume 5 – nº 1 - 2014



passaram a se unir em acordos multilaterais objetivando a proteção e expansão dos seus domínios. Na Alemanha unificada (na época conhecida como Segundo *Reich*)<sup>23</sup>, o Kaiser Guilherme II ascende ao trono imperial<sup>24</sup>, iniciando uma política agressiva, nacionalista e expansionista, tentando isolar ainda mais a França e as suas colônias, entre elas a Indochina, e expandindo a sua influência a outros territórios.

As disputas imperiais por novas colônias acabaram por promover a união das nações imperialistas em blocos, para auxílio comum e proteção dos seus respectivos interesses. A Alemanha, juntamente com o Império Austro-Húngaro, formaram a Dupla Aliança, e, com a adesão da Itália, formaram então a Tríplice Aliança, que depois recebeu o apoio do Império Otomano e da Bulgária. Sob a ameaça da Alemanha e dos seus aliados, a França e a Inglaterra uniram-se<sup>25</sup> na chamada Dupla Entente, que mais tarde, com a adesão da Rússia, fora conhecida como Tríplice Entente<sup>26</sup>.

No mesmo período, os EUA e o Japão buscavam cada qual a sua zona de influência, industrializando-se cada vez mais e buscando territórios de extração de matérias-primas e mercados consumidores dos seus produtos. Ao se iniciar o século XX, o continente africano estava totalmente dividido entre as grandes potências imperialistas européias, bem como parte do continente asiático, fato que levava as nações imperialistas a disputarem entre si o controle de cada vez mais territórios coloniais, já ocupados por outros países imperialistas.

Diante de todas estas circunstâncias, uma guerra entre os imperialistas era eminente, faltando apenas o “estopim” ser aceso. Este fato ocorreu em julho de 1914, quando Francisco Ferdinando de Habsburgo, o Arquiduque da Áustria, herdeiro do império Austro-Húngaro, foi

---

EUA e Japão.” HOBBSAWN, Eric J. **A Era dos impérios**. 1875 1914. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006, p. 88.

<sup>23</sup> O Primeiro *Reich* compreende o período do Sacro Império Romano-Germânico de 843 a 1.806, o Segundo *Reich* fora constituído após a unificação da Alemanha em 1.871 e terminaria com a derrota na Grande Guerra em 1.918, e, o Terceiro *Reich* seria constituído na era nazista, de 1.933 a 1.945.

<sup>24</sup> Bismarck utilizara a diplomacia para isolar a França e as suas colônias, política e economicamente, a partir da guerra de 1870, objetivando uma política alemã nacionalista. Porém, após ao assumir o trono, Guilherme II em dispensa Bismarck das suas funções em 1890, uma vez que a diplomacia não cumprira o objetivo de isolar a França e as suas colônias. BARBEIRO, Heródoto. **História geral**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1984, p. 279.

<sup>25</sup> É notório que Franceses e Ingleses foram inimigos beligerantes durante séculos e que, até hoje, apresentam algumas rugas em decorência destes antigos conflitos. Contudo, diante de um inimigo comum, a Alemanha, estes dois povos uniram-se sob a política do “o inimigo do meu inimigo é meu amigo”. Esta política de união de interesses comuns entre povos, que estranhamente se unem, saliente-se, não era nenhuma novidade e continuou a ocorrer, fato relevante que ocorreu novamente na política internacional em relação ao Camboja, no período posterior a 1979.

<sup>26</sup> BARBEIRO, Heródoto. **História geral**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1984, p. 281.  
Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania – Volume 5 – nº 1 - 2014

assassinado na capital da Bósnia, Sarajevo, por um estudante nacionalista sérvio. A Sérvia<sup>27</sup> estava alinhada à Tríplice Entente e controlava o território bósnio, sendo que, diante da negativa das autoridades sérvias em investigar o assassinato, o império Austro-Húngaro (Tríplice Aliança) declara guerra à Sérvia. Como em uma sequência de dominós que caem um após o outro, este “pequeno incidente” levou a uma guerra total e em cadeia, que se imaginara inicialmente rápida<sup>28</sup>, mas que mostrou-se uma Guerra longa e com enorme mortalidade – notadamente na guerra de trincheiras<sup>29</sup> – onde as grandes nações imperialistas travaram uma gigantesca guerra em pleno continente Europeu, que iria durar quatro anos e seria chamada de a “Grande Guerra”<sup>30</sup>.

Na frente ocidental (território belga), a Guerra permaneceu estacionada, levando a uma novidade bélica, o combate aéreo, com a utilização de aviões e zepelins, levando o conflito às zonas urbanas, inclusive aos arredores de Londres. Da mesma forma, houve o incremento da batalha naval, em que os navios de guerra alemães passaram a perseguir e atacar navios comerciantes de bandeira britânica. Contudo, na superfície dos oceanos, os britânicos na época, dispunham do maior poder naval mundial, praticamente destruindo a força naval da Alemanha. Este fato levou os alemães a incrementarem os seus projetos de submarinos, passando a lutar de forma furtiva com os seus submergíveis. Em maio de 1915, um submarino alemão atacou sem aviso e afundou um grande navio a vapor de passageiros, o *Lusitânia*<sup>31</sup>, matando um número considerável de cidadãos Norte-Americanos. Assim, o fato de os EUA serem parceiros comerciais e financiadores da Inglaterra e da França na Guerra, bem como pelos sucessivos ataques da Alemanha aos navios mercantes, levaram os Norte-Americanos à guerra contra a

---

<sup>27</sup> Antes da Primeira Guerra Mundial, a Sérvia era um país independente, mas que, após a Guerra, em função dos Tratados de Paz, fora aglutinada em um único país juntamente com outros povos na Iugoslávia, que seria fragmentado no final do século XX, com funestas repercussões.

<sup>28</sup> Inicialmente os alemães tinham a vantagem da guerra, posto que já planejaram com antecedência uma possível guerra contra a França. Em 1914 conseguiram avançar sobre território belga e adquirir vantagem, mas, diante do fato de necessitar de tropas no front oriental, os alemães deslocaram homens para o combate com a Rússia. Assim, os franceses contra-atacaram (Batalha do Marne ocorrida entre 6 a 10 de setembro de 1914), levando os alemães a recuarem, mas pouco, até o sul das Ardenes, onde fortificaram pesadas e profundas – em extensão – trincheiras. Começara então a guerra de trincheiras, que perdurou até o final da Guerra, em 1918. WELLS, H. G. **História universal**. São Paulo: Editora Nacional, 1970. v. 9. p. 465-7.

<sup>29</sup> Com relação à guerra nas trincheiras, destaca-se o seguinte relato: “A frente é uma jaula, dentro da qual a gente tem de esperar nervosamente os acontecimentos. Estamos deitados sob a rede formada pelos arcos das granadas, e vivemos na tensão da incerteza. Acima de nós, paira a fatalidade. Quando vem um tiro, posso apenas esquivar-me e mais nada; não posso adivinhar exatamente onde vai cair, nem influir em sua trajetória.” REMARQUE, Erich Maria. **Nada de novo no front**. Tradução de Helen Rumjaneck. Porto Alegre: L&PM, 2004, p. 84.

<sup>30</sup> Após a Segunda Guerra Mundial, a “Grande Guerra” seria conhecida como Primeira Guerra Mundial.

<sup>31</sup> O *Lusitânia* estava carregado de explosivos adquiridos pelos ingleses dos americanos. Além disto, o *Lusitânia* tinha um “irmão gêmeo”, o *Mauritânia*, que levava soldados do Canadá para a Inglaterra. O comandante do submarino alemão confundiu os navios, que eram idênticos, e o atacou. BARBEIRO, Heródoto. **História geral**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1984, p. 283.

Alemanha, tardiamente apenas em 1917, fato que desencadeou o desfecho da Guerra, tendo em vista que o território dos EUA estava protegido pela distância do conflito e porque o seu enorme potencial industrial fora colocado a serviço dos interesses bélicos.

Ao mesmo tempo, em 1917, a Rússia se retirava da Guerra, diante da Revolução interna. Até então, a Rússia era um Império comandado pela dinastia Romanov, sendo Nicolau II o Czar à época. Muito embora os russos sofressem pesadas perdas de homens e material para a Alemanha no front oriental, a Revolução Russa teve origem no movimento operário que, a partir de 1900, reivindicava reformas políticas e econômicas e buscava exercer influência através das greves nas cidades industriais. A Rússia não estava preparada para a Guerra e, diante das privações da mesma, os problemas internos despontaram. Os movimentos populares começaram a se organizar em *soviets*, que eram os conselhos dos representantes dos operários, camponeses e soldados. Os *soviets* eram divididos em alguns movimentos, facções, em que se destacam os Bolchevistas, os Menchevistas e os Socialistas Revolucionários, sendo certo que o ponto de união entre todos componentes destes *soviets*, era o desejo de uma Revolução Socialista, teorizado por Marx no século anterior. Quando as greves na Rússia aumentaram, quando as elites desejaram a mudança do poder político e, principalmente, quando uma parcela significativa do exército se rebelou e uniu-se aos revolucionários, o poder do Czar desapareceu.<sup>32</sup>

Inicialmente, a Revolução Russa não era socialista. Contudo, após março de 1917, quando Nicolau II cai, os Bolcheviques assumem o controle da maioria dos *soviets* e implementam o início da Revolução Socialista, inflamados por seu líder, Lênin. Até a extinção do czarismo, a Rússia era um país absolutista e, após a queda do czar, houvera uma tentativa de se instalar uma democracia, com tratativas de se instalar uma Assembléia Constituinte. Os debates existiam e um líder moderado, chamado Kerensky, assumira parte do controle político russo, mas uma tentativa de golpe de Estado, patrocinado pelo General de extrema direita, Kornilov, em agosto de 1917, afeta a transição do absolutismo para a democracia. Os bolcheviques, comandados por Lênin, assumem o poder político e, no dia 7 de novembro de 1917, Lênin decreta o confisco de todas as grandes propriedades latifundiárias, que passaram para o controle do Estado, proclamando o monopólio estatal sobre o sistema financeiro, de crédito e das exportações, construindo então um Estado socialista nos moldes do marxismo. No dia 18 de janeiro de 1918, se iniciam

---

<sup>32</sup> AQUINO, Rubim Santos Leão de. (et al). **História das sociedades:** das sociedades modernas às sociedades atuais. 3. ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1988, p. 234-6.  
Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania – Volume 5 – nº 1 - 2014

efetivamente os trabalhos da Assembléia Constituinte, mas os bolcheviques no dia seguinte dissolvem a Assembléia e assumem o poder unilateralmente.<sup>33</sup>

Este fato desencadeou a Guerra Civil na Rússia, em que bolcheviques sob o comando ideológico de Lênin<sup>34</sup> e de Trotsky – que organizou e comandou pessoalmente o Exército Vermelho – combateram os anti-bolcheviques (Exército Branco), até 1921, quando os bolcheviques-vermelhos suplantaram os seus adversários. Durante a Guerra Civil, com Trotsky no exército Vermelho, outro político radical despontou dentro da estrutura dos *soviets*, Stalin. A Revolução estava salva e, em 1922, com a união da República da Rússia com a Ucrânia, Bielorrússia, Transcaucásia e as Repúblicas da Ásia Central, criou-se a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).<sup>35 36</sup> O controle político do Estado estava nas mãos de Lênin, que indicara Trotski como Ministro das Relações Exteriores; ambos eram brilhantes oradores e intelectuais de esquerda, mas tiveram que enfrentar enormes dificuldades na administração do Estado, com o intuito de implementar eficazmente as suas posições socialistas. Como forma de manter o controle, todo o poder político fora concentrado no Partido Comunista, comandado por Lênin; nos bastidores políticos, com intrigas de poder, Stálin ganhava cada vez mais poder e influência dentro do Partido Comunista. Havia uma disputa de poder e, principalmente de ideologia, entre dois grupos soviéticos: o primeiro desejava expandir de forma rápida a Revolução ao todo o planeta (Trotsky), o outro, deseja consolidar a Revolução internamente, na URSS, moldando o Estado soviético através da Revolução em um único país (Stalin). Com a morte de Lênin, em 1924, após uma inevitável disputa política, Stalin assume o poder,

---

<sup>33</sup> ARBEX JÚNIOR, José. **Revolução em três tempos**: URSS, Alemanha, China. São Paulo: Moderna, 1993, p. 22-4.

<sup>34</sup> As teorias de Marx, que influenciariam Lênin, partiram de uma tripla alienação: do trabalhador em proveito do capitalista, do cidadão em proveito do Estado e do ser humano em proveito de um deus ilusório. Segundo a racionalização de Marx, estas alienações justificavam o processo revolucionário, como um poderosíssimo e radical instrumento de alteração social, iniciando uma nova era que deveria necessariamente ser materialista, ou seja, a construção de uma sociedade desprovida de qualquer manifestação religiosa. Marx desprezou Deus e conduziu a construção de sociedades ateístas, em que o ser humano passa a ser mera matéria, ou dados estatísticos. Como previsto pelo próprio Marx, a revolução teria êxito apenas pela ruptura social, que culminaria na constituição de regimes totalitários, primeiro na URSS e, posteriormente, em todos os demais países que aderissem ao comunismo, como a China e o Camboja no período do Kampuchea Democrático, seguindo os ditames de Lênin, que “estabeleceu as fases pelas quais deveria passar a revolução comunista: abater o Estado capitalista, organizar a ditadura do proletariado, destruir a mentalidade capitalista, vencer, segundo a doutrina, o imperialismo no mundo inteiro e, finalmente, instaurar o regime comunista.” SCANTIMBURGO, João de. **O mal na história**: os totalitarismos no século XX. São Paulo: LTr, 1999, p. 103-9.

<sup>35</sup> AQUINO, Rubim Santos Leão de. (et al). **História das sociedades**: das sociedades modernas às sociedades atuais. 3. ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1988, p. 243.

<sup>36</sup> Ao longo das décadas de 1920 e 30, com sucessivas anexações, a URSS consolidou o seu território em 1940, sendo formada por quinze repúblicas: Federação Russa (maior e mais poderosa, que teria papel fundamental nos eventos de 1991), Geórgia, Cazaquistão, Turcomênia, Quirguistão, Uzbequistão, Tadjiquistão, Azerbaijão, Armênia, Ucrânia, Moldova, Bielorrússia, Lituânia, Letônia e Estônia. ARBEX JÚNIOR, José. **Revolução em três tempos**: URSS, Alemanha, China. São Paulo: Moderna, 1993, p. 20.

expulsando Trotsky do Partido Comunista em 1927, da URSS em 1929 e determinando o seu assassinato, que ocorreria no dia 20 de agosto de 1940 em Coyoacan, subúrbio da Cidade do México<sup>37</sup>. Da mesma forma, Stalin eliminaria todos os inimigos internos para consolidar definitivamente os ideais da Revolução (fato de que seria estudado algumas décadas mais tarde por jovens cambojanos comunistas em Paris), comandando URSS com mãos de ferro.

Enquanto isso, ainda em 1918, a Grande Guerra ainda persistia, mas, um a um os países que apoiavam a Alemanha foram se rendendo, tais como Bulgária e Itália; além disso, em função de crises internas, o Império Austro-Húngaro, bem como o Império Otomano, se esfacelaram diante da independência de várias regiões. Na Alemanha, o Kaiser Guilherme II fora derrubado, e, em face da impossibilidade da continuação da Guerra, o novo governo provisório assinou a rendição<sup>38</sup>. Como efeito político do fim da Guerra, o mapa da Europa foi redesenhado<sup>39</sup>; além disso, a crise econômica rondou todos os países beligerantes, posto que a Guerra consumira praticamente todos os recursos econômicos durante quatro longos anos.<sup>40</sup> Mesmo vitoriosas, as forças da *Entente* estavam desgastadas, mas a França mantivera as suas colônias, inclusive os seus domínios sobre a Indochina.

Seguiu-se o Tratado de Versalhes, assinado no dia 28 de junho de 1919, na Galeria dos Espelhos do Palácio de Versalhes nos arredores de Paris, que continha uma série de cláusulas, impondo a Alemanha muitas restrições militares, perda de territórios, além do pagamento financeiro a título de compensação pelos custos da Guerra. No mesmo sentido, os países derrotados tiveram que assinar tratados de paz individualmente, tais como o Tratado de Saint-Germain em que a Áustria e a Hungria se separaram, o Tratado de Neuilly que puniu a Bulgária, e o Tratado de Lausanne que puniu a, agora, Turquia.<sup>41</sup>

Sobre o Tratado de Versalhes, destacamos o seguinte comentário:

---

<sup>37</sup> HUDSON, Miles. **Assassinatos que abalaram o mundo**: os crimes políticos que mudaram a história. Tradução de Júlio França. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 79-105.

<sup>38</sup> Até o início do século XX, a categoria de crimes cometidos pelo Estado não era conceituado como nos moldes atuais, associando a responsabilidade individual dos agentes que controlam o Estado. Na época, apenas o Estado era julgado, o indivíduo governante não possuía qualquer possibilidade de ser julgado. Com o término da Grande Guerra, se esboçou a primeira tentativa de se processar e julgar o indivíduo que representava o Estado, justamente Guilherme II. Contudo, este esboço de tentativa de julgamento de Guilherme II restou totalmente frustrado. Porém, houve uma modificação no entendimento após o término da Segunda Guerra Mundial, que persiste até os nossos dias, em que se responsabiliza individualmente os responsáveis. BAPTISTA, Luiz Olavo. Os crimes de guerra no direito internacional de nossos dias. In: ROCHA, Maria Elizabeth Guimarães Teixeira; PETERSEN, Zilah Maria Callado Fadul (coord.). **Coletânea de estudos jurídicos**. Brasília: Superior Tribunal Militar, 2008. p. 702.

<sup>39</sup> As novas nações (do norte ao sul, pela análise geográfica) foram: Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia, Tchecoslováquia, Áustria, Hungria e Iugoslávia.

<sup>40</sup> AQUINO, Rubim Santos Leão de. (et al). **História das sociedades**: das sociedades modernas às sociedades atuais. 3. ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1988, p. 229/31.

<sup>41</sup> BARBEIRO, Heródoto. **História geral**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1984, p. 285.  
Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania – Volume 5 – nº 1 - 2014



O Tratado de Paz de Versailles privou a Alemanha de qualquer base em que pudesse apoiar a sua aspiração à potencia mundial embora modesta. Perdera todas as suas possessões ultramarinas além de todas as zonas importantes de influência econômica, a esquadra teve de ser entregue e os armamentos foram limitados; o território nuclear alemão teve de sofrer uma série de dolorosas mutilações; a Alsácia e Lorena, velhas terras do Império, antes mesmo de formada a paz passaram-se de bandeiras desfraldadas para o lado da França vencedora, sem consideração pelos sacrifícios que a Alemanha imperial fizera por elas, cheias de ódio pelos muito mal-entendidos e vexames.<sup>42</sup>

Após Versalhes, a Alemanha se reorganizou politicamente na República de Weimar e na Constituição de 1919, que pela primeira vez, introduziu no texto constitucional, direitos nitidamente sociais. No período “entre Guerras” (1918 a 1939), o nacionalismo extremado passou a ser regra, bem como o rancor entre os povos, culminando com a ascensão do nazismo na Alemanha e do fascismo na Itália. No campo diplomático, fora criada a Liga das Nações<sup>43</sup>, sociedade internacional que deveria atuar diplomaticamente no intuito de manter a paz, evitando possíveis guerras no futuro. Na esfera da política alemã, a República de Weimar fracassou<sup>44</sup> e o povo alemão, frustrado pela derrota militar e em profunda crise econômica, se rendeu aos discursos extremados das lideranças do partido nacional-socialista, capitaneado por Adolf Hitler, destacando-se a seguinte passagem:

O nacional-socialismo superou num nacionalismo frenético todos os competidores. Por todo o país generalizou-se um prurido de demonstrações patrióticas. O povo alemão estava humilhado, ferido, derrotado; com a Guerra Mundial tinha perdido a sua posição de grande potência e precisava de um

---

<sup>42</sup> VALENTIN, Veit. **História universal**. 7. ed. Tradução de Eduardo de Lima Castro. São Paulo: Martins, 1965, p. 106.

<sup>43</sup> “Esse homúnculo em uma garrafa que se esperava transformar-se, por fim, no Homem governando a Terra, essa Liga de Nações tal como se corporificava no Pacto de 28 de abril de 1919, não era, de modo algum, uma Liga de Povos; era, o mundo depressa o descobriu, uma liga de ‘estados’, ‘domínios’ e ‘colônias’. Estipulara-se que os membros seriam ‘inteiramente *self-governing*’, mas não houve definição alguma desta expressão.” WELLS, H. G. **História universal**. São Paulo: Editora Nacional, 1970. v. 9, p. 519.

<sup>44</sup> “A República de Weimar caiu por três motivos. Primeiro por não ter conseguido criar um funcionalismo e um corpo de oficiais republicanos, isto é, verdadeiramente democratas e fiéis à constituição; segundo por não ter conseguido cadastrar tributariamente as novas fortunas de depois da inflação e dividir equitativamente os latifúndios e tornar politicamente inofensivos os bens dos príncipes; terceiro porque não realizou a união aduaneira com a Áustria, como preparo para a anexação, como condição do Tratado de Locarno, e para o ingresso na Liga das Nações.” VALENTIN, Veit. **História universal**. 7. ed. Tradução de Eduardo de Lima Castro. São Paulo: Martins, 1965, p. 130.



conforto psíquico, uma compensação. E agora ouvia dizerem-lhe: ‘não foste derrotado, estavas era mal governado, foste explorado e atraído, basta querer e voltarás à tua posição de potência universal’. O nacional-socialismo prometeu aos alemães transformar em vitória a derrota sofrida na Guerra Mundial e fê-lo até um certo ponto. Os grandes êxitos da política externa nacional-socialista e as mostras de força, em que se basearam, foram comprados à custa duma incrível dívida para atender aos crescentes armamentos e duma desvalorização da moeda dissimulada com manipulações de toda espécie, inclusive exportação a preços lesivos, com crescente perigo de guerra, com uma ação destrutora dos valores culturais com um menoscabo do direito, com a dissolução da tradicional integridade e um isolamento tanto moral como político.<sup>45</sup>

O nacionalismo extremado das nações derrotadas na Grande Guerra, o poder político concentrado nas mãos de radicais fascistas nestes mesmos países, bem como a inação da Liga das Nações nas políticas de enfrentamento e descumprimento das condições dos Tratados de Paz, fizeram com que Alemanha, Itália e Japão, alçassem a condição de potências militares, unindo-se no que mais tarde seria conhecido como as forças do *Eixo*. O Japão Imperial invadira a Manchúria (China) em 1931-1932, e, após, grande parte da China em 1937, além de iniciar anexações de territórios no Pacífico; a Itália governada pelo regime fascista de Benito Mussolini, invadiu a Etiópia (1935) e a Albânia (1939). A Alemanha sob o controle de Hitler, constituiu o Terceiro *Reich*, anexando a Áustria e a Tchecoslováquia em 1938, conquistas territoriais nazistas que culminaram com o início da Segunda Guerra Mundial, no dia 1º de setembro de 1939, após a invasão do exército alemão na Polónia<sup>46</sup>.

O início da Segunda Guerra Mundial fora marcada pela *Blitzkrieg*<sup>47</sup>, em que as forças alemãs rapidamente dominaram a Polónia no leste, bem como a Bélgica e a Holanda a oeste,

---

<sup>45</sup> VALENTIN, Veit. **História universal**. 7. ed. Tradução de Eduardo de Lima Castro. São Paulo: Martins, 1965, p. 132.

<sup>46</sup> Inicialmente, a Grã-Bretanha fora contra as anexações realizadas pela Alemanha, mas, para se evitar uma Guerra que parecia eminente, o Primeiro-Ministro britânico Neville Chamberlain e Mussolini convocaram uma reunião, conhecida como Conferência de Munique (1938), na qual ficou acordado que as exigências alemãs seriam aceitas, contudo, a Grã-Bretanha se colocara aliada da Polónia, Grécia, Romênia e Turquia contra eventuais agressões do expansionismo alemão. Desta forma, quando o exército alemão invadiu a Polónia, a Grã-Bretanha fora obrigada a intervir e declarar Guerra à Alemanha, desencadeando a Segunda Guerra Mundial. AQUINO, Rubim Santos Leão de. (et al). **História das sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1988, p. 274-82.

<sup>47</sup> Guerra -relâmpago.

alem da Noruega e da Dinamarca. O grande confronto, se supunha, ocorreria no território da França, mas para surpresa de todos – principalmente dos franceses – o seu exército não foi capaz de conter a *blitzkrieg* e a França acabou invadida e dominada pelo exército alemão em 1940. Desta forma, os nazistas ocuparam Paris e o norte da França, passando o controle político da metade sul da do país ao Marechal Philippe Pétain, iniciando um governo francês alinhado com os nazistas, o governo de Vichy<sup>48</sup>. Este novo governo ficou responsável pela administração das colônias francesas, entre elas, a Indochina, a qual incumbiu o governo da região ao almirante Jean Decoux. Nesta nova situação geopolítica na qual os franceses se encontravam, muito embora Decoux fosse o enviado à Indochina, o governo de Vichy passou a ser aliado no oriente do Japão, que enviou tropas a Indochina e a ocupou militarmente sem nenhuma oposição, fossem dos franceses, fossem dos nativos. Vichy manteve certo controle político na Indochina, contudo, o poder efetivo fora transferido ao Japão, que passou a exercer todo o controle militar da região.<sup>49</sup>

Certamente os franceses estavam descontentes com as forças de ocupação japonesas na Indochina, e, como forma de embaraçar uma futura anexação japonesa, Decoux passou a incentivar o desenvolvimento do espírito de nacionalidade dos povos de cada região da Indochina, sendo que, especificamente no Camboja, operou-se o resgate do espírito ancestral dos costumes, valores e tradições dos Khmers, incluindo trabalhos de escavações arqueológicas nos antigos e praticamente esquecidos templos de Angkor; em 1942, os franceses incentivaram a criação do primeiro jornal independente em território cambojano e editado em língua Khmer. Na esfera política cambojana, como a monarquia ainda existia no Camboja, os franceses patrocinaram o jovem príncipe Norodom Sihanouk, que assumiu o trono e se tornou rei em 1941, aos dezoito anos. Desta forma, os cambojanos desenvolveram um espírito de nacionalismo e patriotismo, fato que fora presenciado pelo próprio Decoux, no dia 23 de outubro de 1944 (nesta data os japoneses ainda ocupavam militarmente a Indochina), ocasião do aniversário do rei Norodom Sihanouk, quando quinze mil jovens cambojanos cantaram a *Marseillaise* e o Hino Nacional Cambojano.<sup>50</sup>

---

<sup>48</sup> Vichy é o nome de uma cidade, uma instância termal muito conhecida na França e que, já na época, possuía muitos hotéis. Por possuir acomodações para um grande número de pessoas e não possuir nenhuma estrutura militar, foi escolhida como sede do novo governo francês, uma vez que Paris permaneceria ocupada pelos nazistas.

<sup>49</sup> KIERNAN, Ben. **Blood and soil: a world history of genocide and extermination from Sparta to Darfur**. New Haven: Yale University Press, 2007, p. 540.

<sup>50</sup> KIERNAN, Ben. **Blood and soil: a world history of genocide and extermination from Sparta to Darfur**. New Haven: Yale University Press, 2007, p. 541-3.

No mesmo período de tempo, a Segunda Guerra Mundial transcorreria, inicialmente com vitórias<sup>51</sup> do *Eixo*, mas depois dos acontecimentos de 1941 e das suas consequências, a invasão alemã à URSS e ao ataque japonês à base naval dos EUA em Pearl Harbour, no Havaí, os *Aliados* (Grã-Bretanha, EUA e URSS; bem como as forças francesas livres liderados por De Gaulle) entraram efetivamente na Guerra e venceram as forças do Eixo. No término da Segunda Guerra Mundial, em 1945, o mundo havia vivenciado duas Guerras Mundiais<sup>52</sup>, e, a Alemanha, a Itália e Japão, assim como grande parte da Europa, estavam devastados. A Grã-Bretanha conseguira manter-se longe da ocupação nazista, mas a um alto custo, deixava de ser uma potência mundial, visto que perderia paulatinamente o domínio sobre as suas colônias. Surgiam duas novas potências, catapultadas a condição de superpotências mundiais, os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que ditariam os rumos da política internacional doravante.

### 3 ONU, *Komintern* e a Guerra Fria

Durante a Segunda Guerra Mundial, em 1942, os países *Aliados*, EUA, URSS, Grã-Bretanha, além da China, firmaram a *Declaração das Nações Unidas*, em que se pretendia a criação futura de uma nova organização internacional que tivesse condições de agir para se evitar guerras, justamente o que a Liga das Nações não conseguira fazer. Encerrada a Segunda Guerra Mundial em 1945, os *Aliados* vitoriosos, juntamente com outros países – inicialmente 50 e nenhum do *Eixo* – reunidos em São Francisco, EUA, reunidos em assembléia, assinaram a Carta das Nações Unidas no dia 26 de junho de 1945, criando desta maneira a Organização das Nações Unidas (ONU). Com o propósito precípua de manter a paz e a segurança internacional, a ONU passou a ter como membros os Estados e, administrativa, é dividida em órgãos, os quais se destacam a Assembléia Geral composta por todos os Estados-membros da ONU, e, o Conselho de Segurança, composto por cinco membros permanentes e com direito a veto (EUA, URSS – após 1991 substituída pela Rússia –, Grã-Bretanha, China e França) além de outros membros não

---

<sup>51</sup> A Grã-Bretanha liderada pelo Primeiro-Ministro Winston Churchill, fora o único país da Europa ocidental que conseguira não ser ocupado ou politicamente dominado pela Alemanha nazista, lutando “sozinha” contra o fascismo até 1941, sendo certo que até meados de 1942, parecia que a Alemanha seria a grande vencedora da Guerra.

<sup>52</sup> “O principal aspecto do panorama histórico do século XX é o das duas guerras mundiais. Elas são as duas grandes cadeias de montanhas sob cujas sombras nós ainda vivemos. Elas mudaram o mundo mais do que quaisquer das guerras mundiais e revoluções dos séculos que as antecederam. Elas nos separam do mundo antes de 1914, que não somente para nós como para a geração que se seguiu à Primeira Guerra Mundial parece, e pareceu, extremamente remoto. A revolução bolchevique na Rússia, a ascensão dos Estados Unidos à posição de superpotência do mundo, o fim dos impérios coloniais, a bomba atômica etc. etc., foram as consequências dessas guerras, não suas causas”. LUKACS, John. **O duelo: Churchill x Hitler: 80 dias cruciais para a Segunda Guerra Mundial**. Tradução de Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 17.

Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania – Volume 5 – nº 1 - 2014

permanentes e sem direito a veto, eleitos pela Assembléia Geral. Desde a sua criação, a ONU passou a ser uma importante sede dos interesses e debates políticos dos seus membros, principalmente das superpotências e seus aliados, de ambos os lados da ideologia político/econômica que se travou no período do pós Guerra.

O século XX nem mesmo chegara a sua metade e o mundo já vivera duas Guerras Mundiais, certamente ocasionadas pelo curso da história das mudanças dos paradigmas sociais e econômicos decorrentes desde a Revolução Industrial; esta desenvolveu o capitalismo que, aliado a xenofobia de alguns povos, ocasionou o imperialismo, que levou a duas Guerras Mundiais. Se no século XIX o absolutismo/feudalismo fora definitivamente suplantado pelo liberalismo/capitalismo, e se este sistema político/econômico não tinha uma “opção alternativa” na época, esta outra forma de forma de governo e economia fora oferecida pelas teorias de Marx e pelo modelo Soviético de economia e política comunista. Portanto, muitos dos enfrentamentos ideológicos, fossem de ordem política, militar ou econômica, entre outros assuntos, foram travados entre as duas superpotências, EUA capitalista e URSS comunista, nos debates da ONU.

Dos debates iniciais da ONU, os Estados-membros aprovaram, no dia 10 de dezembro de 1948 a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, que embasa – ao menos em tese – os direitos comuns de cada humano neste planeta. No mesmo ano, fora realizada em Paris, uma Convenção dos Estados-membros da ONU, com o objetivo de discutir formas para se prevenir e reprimir o crime de genocídio, uma vez que se verificara que o genocídio é, infelizmente, uma prática que se repetiu ao longo do tempo além de ser cometido por muitos povos dominadores, e, que fora colocado em prática e em escala industrial na Alemanha nazista, que cometera genocídio contra os judeus e também contra todos os indesejáveis.<sup>53</sup> Assim, no dia 9 de dezembro de 1948, foi assinada a *Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio*<sup>54</sup>, texto que necessita de ratificação pelos Estados-membros, sendo que as duas superpotências da época, bem como muitos outros países, incluindo a China, não o ratificaram.

A segunda metade do século XX seria o momento histórico do enfrentamento ideológico e da “exportação” das ideologias e práticas políticas/econômicas, do capitalismo *versus* comunismo, patrocinado pelo capitalista EUA e pela comunista URSS. Contudo, a idéia de

---

<sup>53</sup> Além do holocausto judeu, os nazistas assassinaram sistematicamente todos os indesejáveis, fossem doentes mentais, ciganos, maçons, comunistas, inimigos políticos, prisioneiros de guerra, os próprios soldados alemães feridos e que não tivessem condições de serem removidos para tratamento, etc., muitos dos quais, morreram segundo a prática da “morte misericordiosa”. ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 98-127.

<sup>54</sup> BITTAR, Eduardo Carlos Bianca; ALMEIDA, Guilherme Assis de. (orgs). **MiniCódigo de Direitos Humanos**. Brasília: Teixeira Gráfica, 2010, p. 534-6.

“exportação” de uma ideologia é anterior, remonta o ano de 1919<sup>55</sup>, quando a URSS criou um órgão, o *Komintern*, objetivando a “exportação da Revolução”, pois achavam que a única forma de manter ativa e segura a Revolução seria levando-a a outros países industrializados, ou seja, que estivessem prontos para a Revolução proletária.

No período anterior a eclosão da Segunda Guerra Mundial, os soviéticos passaram a influenciar muitos jovens nos países industrializados, principalmente alemães que se identificavam com seu conterrâneo Karl Marx, e os recrutavam para serem treinados em Moscou<sup>56</sup> na ideologia comunista e, principalmente, como elementos que posteriormente seriam reinseridos em seus países de origem, ou em outros dependendo das ordens do *Komintern*, iniciando a luta, política e armada, para espalhar os ideais da Revolução e a conquista do poder pelo partido proletário, conforme as teses de Marx. Porém, a maior influência dos soviéticos em relação a internacionalização da sua política e da sua economia comunista, desenvolveu-se após a Guerra, quando a URSS conquistou o *status* de superpotência, dominando militarmente todo o leste europeu, como também parte da Alemanha, que seria dividida, bem como a sua capital, Berlim. Desta forma, a URSS impôs aos países dominados a política comunista, que por muitas décadas do século XX, pareceu ser a melhor opção para o desenvolvimento humano e econômico, atraindo milhões de simpatizantes e seguidores ao redor do planeta. O mundo do pós Guerra estava dividido, metade da humanidade sob a influência dos EUA mantinha-se capitalista, a outra metade, sob influência da URSS tornara-se comunista, iniciava-se então a Guerra Fria<sup>57</sup>.

Sobre o início da Guerra Fria e a partilha de influência e poder das superpotências, destacamos o seguinte comentário:

---

<sup>55</sup> AQUINO, Rubim Santos Leão de. (et al). **História das sociedades:** das sociedades modernas às sociedades atuais. 3. ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1988, p. 244.

<sup>56</sup> Com relação ao treinamento dos jovens comunistas em Moscou, oriundos de vários países, destacamos o relato da experiência de Olga Benário, alemã que nos anos 1930 ajudaria Luís Carlos Prestes – também treinado em Moscou – a promover a Revolução Comunista no Brasil. MORAIS, Fernando. **Olga**. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 29-37.

<sup>57</sup> A expressão Guerra Fria fora utilizada pela primeira vez pelo jornalista e comentarista político norte-americano Walter Lippmann, quando escrevera sobre as tensões entre EUA e URSS. Com relação ao início da Guerra Fria, destaque para o seguinte trecho: “A Segunda Guerra Mundial mal terminara quando a humanidade mergulhou no que se pode encarar, razoavelmente, como uma terceira Guerra Mundial, embora muito peculiar. Pois, como observou o grande filósofo Thomas Hobbes, ‘a guerra consiste não só na batalha, ou no ato de lutar: mas num período de tempo em que a vontade de disputar pela batalha é suficientemente conhecida’. A Guerra Fria entre EUA e URSS, que dominou o cenário internacional na segunda metade do Breve Século XX, foi sem dúvida um desses períodos. Gerações inteiras se criaram à sobra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade.” HOBBSAWN, Eric J. **Era dos extremos:** o breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 224.



A peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas sobretudo do lado americano, os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças no fim da segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual mas não contestado em sua essência. A URSS controlava parte do globo, ou sobre ela exercia predominantemente influência – a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra – e não tentava ampliá-la com o uso de força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética.<sup>58</sup>

Desta forma, no pós Guerra as superpotências, que inicialmente estavam confortáveis nas suas posições dominantes, passaram paulatinamente a uma política agressiva uma contra a outra, tentando manter e ampliar as suas áreas de domínio econômico e político, adotando uma política intervencionista<sup>59</sup>. Talvez uma guerra entre EUA e URSS logo após 1945 fosse possível, mas após a URSS adquirir armamentos nucleares<sup>60</sup>, os governos das superpotências perceberam que uma guerra entre eles terminaria a aniquilação mútua. Neste contexto, de impossibilidade de ataque de uma superpotência contra a outra, elas passaram a lutar indiretamente, ou seja, como em um jogo de xadrez, os “dois reis” passaram a usar outros povos nos conflitos envolvendo os seus interesses.

---

<sup>58</sup> HOBBSBAWN, Eric J. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 224.

<sup>59</sup> “Não podemos contudo deixar de reconhecer que em matéria de intervenção o Direito e o Fato se encontram extremamente distintos. É suficiente lembrar a título de exemplo que as potências poderosas tornaram-se ‘oficialmente’ intervencionistas, como os EUA, com a doutrina Truman (1947) de ‘defender os povos livres que resistam a iniciativas de escravização por minorias armadas ou agressões vindas do exterior’. No mesmo sentido, intervencionista é a doutrina Eisenhower (1957) que após ‘denunciar as ambições da URSS no Oriente Próximo’ oferece assistência militar e econômica aos países da região. (...) A URSS também adotava prática semelhante, como foi o caso da doutrina Brejnev, que foi formulada para justificar a intervenção das tropas do Pacto de Varsóvia, em 1968, na Tchecoslováquia.” MELLO, Celso Duvivier de Albuquerque. **Direitos humanos e conflitos armados**. Rio de Janeiro: Renovar, 1997, p. 379-80.

<sup>60</sup> Em 1945 os EUA já possuíam bombas nucleares (bombas de fissão nuclear), tanto que as utilizaram em Hiroxima e Nagasaki. Os soviéticos conquistaram a tecnologia da bomba de fissão nuclear quatro anos após as explosões no Japão, em 1949. A corrida armamentista se iniciara e os EUA, bem como a URSS nove meses depois (1953), criaram a bomba de hidrogênio (bombas de fusão nuclear, muito mais potentes de as anteriores). HOBBSBAWN, Eric J. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 227.



Entre tantos conflitos da Guerra Fria, um que se destaca é a Guerra do Vietnã, que tem origem na ocupação francesa na Indochina e terá reflexos importantes nos acontecimentos na década de 1970 no Camboja.

Conforme descrição anterior, no período da Segunda Guerra Mundial a Indochina fora ocupada pelo Exército Imperial Japonês com a aceitação e anuência do governo de Vichy. Os franceses incentivaram os movimentos de identidade nacional nos povos da Indochina durante este período, ocorre que o Japão perdera a Guerra e os franceses voltaram a ocupar e dominar toda a região. Mas, a antiga política francesa da época da Guerra cobrara o seu preço, os processos de independência dos povos da região. No Camboja, os franceses não tiveram problemas de manter certo controle, uma vez que o rei Norodom Sihanouk estava no trono e era um aliado francês. Mas, no Vietnã, a situação para os franceses tornou-se muito mais difícil. Sob a liderança do comunista Ho Chi Minh, que recebera apoio econômico e militar da URSS, insuflara o povo vietnamita pela independência, conquistando a sua libertação da França. Por sua vez, os franceses tentaram com o uso de força militar, com o apoio primeiro dos britânicos e depois dos americanos, reconquistar o Vietnã, mas, acabaram derrotados em 1954 pelas forças vietnamitas. Contudo, os EUA conseguiram manter um governo independente no sul do país, dividindo o Vietnã em dois, o norte comunista e o sul capitalista. Assim, um único país, um único povo, estavam divididos por questões ideológicas (algo comum na Guerra Fria), sendo que os comunistas ao norte não aceitavam esta situação, utilizando confrontos militares contra o sul, o que motivou, em 1964, os EUA a intervirem diretamente, enviando suas tropas e iniciando a Guerra do Vietnã.

## **5 Maoísmo, Khmer Vermelho e Guerra Civil no Camboja**

A China fora, outrora, um grande império que durara centenas de anos e várias dinastias. Apesar disto, ao longo do século XIX fora invadida e conquistada sistematicamente, por britânicos, franceses, norte-americanos e japoneses<sup>61</sup>. O domínio da dinastia manchú no trono imperial chinês perdurou até 1911, quando o último imperador fora destronado. Os chineses instauraram um novo governo em Pequim, de contorno ocidentalizante, republicano e

---

<sup>61</sup> A civilização chinesa desenvolveu uma civilização estupefata, com grandes e incríveis contribuições nas artes, escrita, valores sociais e culturais, bem como no militarismo, servindo de modelo para muitos outros povos. A grandiosidade do Império Chinês era tão arrebatadora, que não tendo inimigos a altura, os levaram a um senso de superioridade, auto-suficiência e autoconfiança, deixando-os despreparados para os acontecimentos do século XIX. Os chineses não “mergulharam” na modernização e industrialização aos moldes europeus, como fizeram os japoneses a partir de 1868. Todas estas situações, somadas, levaram ao fim do Império na China e a supremacia japonesa na região por décadas. HOBBSBAWN, Eric J. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 448-9.  
Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania – Volume 5 – nº 1 - 2014

parlamentar, que, de fato, não detinha o poder em todo o país, que permanecia profundamente dividido entre as potências imperialistas. Uma pequena porção da população chinesa era educada e detinha o controle político ou influência nas forças armadas, mas a esmagadora maioria da população permanecia como sempre fora nos séculos anteriores, “industrializada, iletrada, prolífica, pobre, pacífica e conservadora”<sup>62</sup>.

Neste contexto de ocupação estrangeira e perda da identidade nacional, os chineses educados passaram a cultivar o sentimento patriótico, que foi levado a explosão em 1925<sup>63</sup>, quando os britânicos abriram fogo e mataram vários chineses que participavam de uma manifestação, fato que uniu letrados e iletrados chineses ao sentimento anti-ocidental. A república na China começara a desenvolver-se, sob o controle de Sun Yat-sen, líder democrata e socialista que mantinha ligações com a URSS; mas, com a morte deste em 1925, o controle de Pequim passou para Chiang Kai-shek, que não conseguira dar continuidade ao trabalho do seu antecessor a fim de estender o regime democrata para toda a China. Em 1927, Chiang Kai-shek rompe com a URSS (os soviéticos não entendiam as realidades próprias chinesas e pretendiam influenciar demasiadamente nos socialistas chineses; este fato iniciou uma profunda divisão entre soviéticos e chineses), passando então a perseguir os comunistas, sendo que estes acudados nas cidades, ampliaram a sua atenção ao campo e a grande massa da população que vivia na miséria na zona rural chinesa. O exército comunista chinês inicia um recuo forçado ao interior do país em 1934, que foi conhecido como a “Longa Marcha”, em que desponta a liderança incontestada de Mao Tsé-tung. A partir de 1937, quando os japoneses intensificam a dominação sobre os chineses, ampliando ainda mais a área ocupada e invadindo as grandes cidades litorâneas, o poder do governo democrata de Chiang Kai-shek se reduz e faz com que se una aos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial. Este momento histórico favoreceu os comunistas, que passaram a lutar contra os japoneses uma guerra de guerrilha, o que só fez aumentar o poder de Mao Tsé-tung. Com o término da Guerra, as diferenças políticas chinesas eram profundas, mas em 1949<sup>64</sup> as forças comunistas tomaram o poder e pareceram, aos olhos do povo chinês, que este era, realmente, o legítimo governo, pois representava a restauração dos valores chineses em detrimento dos ocidentais.<sup>65</sup>

---

<sup>62</sup> WELLS, H. G. **História universal**. São Paulo: Editora Nacional, 1970. v. 9., p. 555.

<sup>63</sup> WELLS, H. G. **História universal**. São Paulo: Editora Nacional, 1970. v. 9., p. 557.

<sup>64</sup> Após uma breve guerra civil, Chiang Kai-shek e os nacionalistas fugiram para a ilha de Taiwan, antiga possessão dos EUA.

<sup>65</sup> HOBBSBORN, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 450-1.

Sob o comando de Mao, chamado de o “Grande Timoneiro”, a nova República Popular da China, iniciou um período inicial de prosperidade na produção agrícola, na educação, na industrialização<sup>66</sup> e até mesmo na área militar (a China desempenhara um papel fundamental na Guerra da Coreia); contudo, duas décadas de catástrofes se seguiriam, ocasionando que milhões de chineses morreriam por fome ou por perseguições políticas para consolidação do comunismo chinês. As relações da China com a URSS se desgastaram a partir de 1956, uma vez que os chineses não aceitavam as orientações do *Komintern*, culminando com um “racha” entre as duas nações em 1960 e em uma quase guerra entre elas em 1969. Neste período, a China viveria a Revolução Cultural<sup>67</sup> que duraria dez anos (1966 a 1976, encerrada com a morte de Mao), em que o indivíduo seria totalmente abnegado e imerso na coletividade. Este é o ponto fundamental do chamado maoísmo, a supressão da individualidade em prol do coletivismo, logo, o indivíduo em si, enquanto *ser humano*, deixa de ser valorado, posto que o que passa a ter “valor” é a coletividade. No período em que o “Grande Timoneiro” governou a China, o país praticamente ficou fechado às relações internacionais, mas nem por isso deixaria de ter destaque no cenário da política mundial, uma vez que possuía uma imensa população e território, força militar, além de manter um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU. Estes fatos fariam com que a China não se alinhasse com nenhuma das superpotências no mundo dividido da Guerra Fria e acabaria por influenciar de forma decisiva a história no sudeste asiático, principalmente no Camboja.

No final dos anos 1940 e início década de 1950, enquanto as superpotências iniciavam diversas lutas indiretas na Guerra Fria e a China se consolidava como potência comunista não alinhada à URSS, o modelo de comunismo marxista-leninista passou a atrair cada vez mais simpatizantes, principalmente nos meios acadêmicos europeus. Em 1949, um jovem cambojano chamado Saloth Sar, que no futuro adotaria o pseudônimo de Pol Pot, fora estudar em Paris. Oriundo da elite cambojana, Saloth Sar nascera em 1925 e crescera em um ambiente

---

<sup>66</sup> Muito embora tenha havido um incremento da indústria, a China manteve-se agrária e não passou por um processo de rápida industrialização sob o comando de Mao, ao contrário do que ocorrera na URSS stalinista. A impressionante expansão industrial chinesa somente ocorreu a partir da década de 1980, quando pela primeira vez na história, a população rural na China caiu abaixo de 80%. HOBBSAWN, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 454-5.

<sup>67</sup> “A situação na China comunista até fins da década de 1970 foi dominada por uma implacável repressão, pontilhada por raros afrouxamentos momentâneos que serviam para identificar as vítimas dos próximos expurgos. O regime de Mao Tsé-tung atingiu seu clímax na Revolução Cultural de 1966-76, uma campanha contra a cultura, a educação e a inteligência sem paralelos do século XX. Praticamente fechou a educação secundária e universitária durante dez anos, suspendeu a prática da música clássica e outras (ocidentais), quando necessário através da destruição de seus instrumentos, e reduziu o repertório nacional de teatro e cinema a meia dúzia de obras politicamente corretas (...)”. HOBBSAWN, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 488.

Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania – Volume 5 – nº 1 - 2014

intelectualizado, posto que parentes seus trabalhavam no palácio real e, na sua infância, frequentara os muros reais, estudando no colégio Norodom Sihanouk, certamente a melhor escola de Phnom Penh, capital do Camboja. Contudo, Saloth Sar passara a sua infância e adolescência na atmosfera do período em que o nacionalismo cambojano fervilhava, em função das políticas francesas da época da Guerra; por outro lado, os franceses ainda mantinham constante presença no Camboja, o que incentivou um enorme sentimento anti-imperialista na geração do jovem Saloth Sar. Assim, este jovem estudante cambojano, ao iniciar seus estudos universitários na França, teve acesso as obras dos teóricos socialistas, dos modelos da Revolução Russa e da formação da URSS<sup>68</sup>, como também estava próximo do Partido Comunista Francês, o qual se filiou e que, em contra partida, oferecera treinamento. Desta forma, Saloth Sar e outros doze jovens cambojanos que estudavam em Paris, todos da etnia Khmer (que representava 80% dos cambojanos), passaram a pregar uma conduta ideológica radial, de base comunista e como o desenvolvimento da economia através do isolamento e atividade rural. Todos estes ideais seriam reforçados pela influência do maoísmo, pelo idealismo rural chinês da época e, mais tarde, também pela Revolução Cultural. Logo após a independência do Camboja da ocupação francesa em 1954, àqueles que outrora foram jovens estudantes em Paris, iriam tornar-se os líderes do movimento Khmer Vermelho, que lutariam nas selvas do Camboja a partir da década de 1960, para espalhar o seu ideal ultra-nacionalista/comunista/rural, contra influência francesa na região, para encerrar a monarquia e instituir uma nova república popular.<sup>69</sup> Os líderes do Khmer Vermelho, inclusive o já autodenominado Pol Pot, entre 1965 e 1970 fizeram algumas viagens a China, estreitando as suas relações com o governo de Mao Tsé-tung, bem como sendo influenciados pelo modelo de comunismo chinês.

Enquanto isso, a partir de 1965, ocorria a Guerra do Vietnã, em que os EUA estavam envolvidos diretamente com as suas tropas e, diante da necessidade de apoio regional, os norte-americanos passaram a exercer uma influência marcante em todos os países locais, principalmente o Camboja. Esta necessidade de aliança dos EUA com o Camboja se fazia necessário (na ótica dos EUA) por uma questão política para barrar o comunismo e, também, militar posto que as forças vietnamitas fugiam constantemente para o território cambojano

---

<sup>68</sup> “Foi em Paris que eles fizeram as leituras sagradas das quais resultarão os rudimentos de uma fraseologia e de uma visão de mundo: *O Manifesto Comunista*, de Marx, *Sobre o Imperialismo*, de Lenine, *O Marxismo e a Questão Nacional*, de Estaline, e sobretudo a *Síntese da História do Partido Comunista Bolchevique da URSS*, onde vemos Estaline triunfar impiedosamente sobre todos os inimigos internos”. BRUNETEAU, Bernard. **O século dos genocídios**. Tradução de Isabel Andrade. Lisboa: Piaget, 2004, p. 195.

<sup>69</sup> KIERNAN, Ben. **Blood and soil: a world history of genocide and extermination from Sparta to Darfur**. New Haven: Yale University Press, 2007, p. 542-5.  
Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania – Volume 5 – nº 1 - 2014

durante os confrontos com o exército norte-americano. Diante da frustração do governo dos EUA de não conseguir capturar os vietnamitas, o presidente Richard Nixon e seu secretário Henry Kissinger<sup>70</sup>, determinaram em 1969 que os bombardeiros B-52 americanos bombardeassem o território cambojano, apoiaram um golpe de estado no Camboja em 1970, no qual o rei Norodom Sihanouk fora deposto (refugiou-se na China) pelo seu primeiro-ministro, o general Lon Nol<sup>71</sup>, e, dois meses após o golpe, ordenaram que o exército dos EUA, com o apoio dos sul-vietnamitas e do governo de Lon Nol, invadissem o Camboja. Estes acontecimentos culminaram com o início da Guerra Civil no Camboja, que duraria cinco anos e seria extremamente sangrenta. Os Khmers Vermelhos já estavam atuando na selva e ocupavam algumas aldeias em 1970, implementando nestes locais a sua política e visão de sociedade comunista ideal cambojana, passando a receber apoio militar e econômico da China, bem como do Vietnã do Norte, para lutar contra o governo de Lon Nol e os norte-americanos. Além disso, considerando que o Camboja havia sido invadido novamente por uma nação ocidental, que os EUA despejavam toneladas sem fim de bombas no seu território<sup>72</sup>, que o rei Norodom Sihanouk – que atraía a simpatia do povo diante da libertação da França – havia sido destituído por um governo corrupto, Pol Pot e seu exército de Khmers Vermelhos não tiveram dificuldade nenhuma de ser uma opção ao povo, bem como converter e atrair adeptos às suas convicções políticas.

Sobre o período de Guerra Civil no Camboja, destacamos o seguinte comentário:

Os ataques aéreos dos B-52 americanos mataram dezenas de milhares de civis. Aldeões que se afastavam de casa retornavam e nada encontravam além de poeira e lama misturadas a partes de corpos crestadas e ensangüentadas. As forças terrestres de Lon Nol usavam poderosas barragens de artilharia pesada para pacificar áreas ou povoados onde suspeitavam haver alguma atividade inimiga. Em 1973 a inflação no Camboja atingia 275%, e 40% das estradas e

---

<sup>70</sup> “Na *realpolitik* cínica de Nixon e Kissinger, o Camboja não teria sido senão um peão e o seu aniquilamento sob as 539.000 toneladas de bombas dos B-52 da US Air Force (mais do que no Japão durante a Segunda Guerra Mundial), uma ‘estratégia sem importância’”. BRUNETEAU, Bernard. **O século dos genocídios**. Tradução de Isabel Andrade. Lisboa: Piaget, 2004, p. 207.

<sup>71</sup> “(...) os EUA haviam apoiado um perdedor. Lon Nol era pró-americano, porém, como muitos ditadores patrocinados pelos Estados Unidos na época, também era corrupto, repressor e incompetente. Isolava-se em sua vila na capital cambojana, Phnom Penh, e permanecia preocupantemente alheio aos assuntos de seu Estado. POWER, Samantha. **Genocídio: a retórica americana em questão**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 121.

<sup>72</sup> No total, entre março de 1969 e agosto de 1973 os aviões americanos jogaram 540 mil toneladas de bombas na região rural do Camboja”. POWER, Samantha. **Genocídio: a retórica americana em questão**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 122.



um terço de todas as pontes estavam imprestáveis. Com o colapso da economia local, a ajuda americana passou a representar 95% de toda a renda de Lon Nol. O bombardeio americano em nada enfraqueceu os comunistas vietnamitas e cambojanos. Na verdade, provavelmente teve o efeito oposto. Cambojanos ressentidos com a demolição indiscriminada dos americanos foram cativados pela promessa de paz e pelo antiamericanismo do Khmer Vermelho.”<sup>73</sup>

O regime Khmer Vermelho passou a controlar uma parcela cada vez maior do território cambojano, suas aldeias e seu povo, restando ao governo de Lon Nol tão-somente o controle das áreas urbanas. Paulatinamente, todas as pequenas aldeias da selva cambojana foram ocupadas e dominadas pelo Khmer Vermelho que, de 1973 em diante, lançou um programa radical instalando comunas por todo o país, deportando pessoas dos seus locais de nascimento, de origem ancestral, para novas localidades – comunas de vida coletiva – onde iniciariam uma nova vida. Para tanto, o Khmer Vermelho utilizou a prática do terror, uma verdadeira “tática sanguinária do KV para a transformação social”<sup>74</sup>, obrigando as pessoas a se submeterem a esta nova ordem, separando famílias, destruindo a autoridade paterna e religiosa, bem como acabando com a cultura milenar e tradicional cambojana, tudo no sentido de implementar o comunismo. Muitos cambojanos fugiram do domínio crescente do Khmer Vermelho, refugiando-se nas cidades e levando, desta forma, a informação de que os Khmers Vermelhos eram extremamente radicais; mas, considerando que estes tinham o apoio do rei Norodom Sihanouk, que permanecia na China e que apoiava o Khmer Vermelho, a maioria do povo permaneceu iludida.

A Guerra Civil entre as forças de Lon Nol e o Khmer Vermelho foi extremamente sangrenta:

O número de vítimas na guerra civil cambojana fora colossal. Cerca de 1 milhão de cambojanos foram mortos. Ambos os lados adquiriram o hábito de não fazer prisioneiros em combate, a menos que tencionassem torturá-los para extrair informações militares. O canibalismo era muito disseminado, pois ensinava-se aos soldados que comer o fígado de inimigos capturados transferiria a força dos vencidos para os vencedores. A safra de arroz fora aniquilada. Mais de 3 milhões de cambojanos haviam sido desalojados,

---

<sup>73</sup> POWER, Samantha. **Genocídio**: a retórica americana em questão. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 123.

<sup>74</sup> POWER, Samantha. **Genocídio**: a retórica americana em questão. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 125.



acarretando um inchaço na população da capital de 600 mil para mais de 2 milhões de pessoas em 1975. As privações diárias eram tamanhas que os cambojanos naturalmente preferiam a idéia do KV à realidade de Lon Nol. Ademais, a maioria supunha que os excessos do KV eram produto do calor da batalha, e não resultado de ideologia ou perversidade nata.<sup>75</sup>

No início da Guerra Civil cambojana, o Vietnã do Norte apoiara o Khmer Vermelho na sua ofensiva contra o regime apoiado pelos EUA, mas diferenças entre os comunistas cambojanos e vietnamitas começaram a se deteriorar, em função das ideologias de cada grupo e pela visão de comunismo a ser implantado nos seus respectivos países. Os vietnamitas eram apoiados pela URSS, enquanto os cambojanos do Khmer Vermelho recebiam sustentação da China. Enquanto superpotência, a URSS não conseguira subordinar e controlar a China, esta divisão de poder entre os comunistas soviéticos e chineses, espelhou-se no racha entre os comunistas vietnamitas e cambojanos, que geraria instabilidade política e militar entre o Vietnã e o Camboja nas décadas seguintes. Mas, apesar da perda do apóio dos vietnamitas (conseqüentemente da URSS) que unificaram o Vietnã em 1973 após a retirada dos EUA, o Khmer Vermelho continuou seu avanço militar e conquista de territórios, estreitando cada vez mais as suas relações com a China, no sentido de derrubar o governo de Lon Nol e assumir o controle definitivo de todo o Camboja.

Fato relevante que culminaria algum tempo depois com o encerramento a Guerra Civil no Camboja, foi que os EUA deixaram a região do sudeste asiático em abril de 1973, perdendo a Guerra do Vietnã, quando Saigon<sup>76</sup> – capital do Vietnã do Sul – fora ocupada pelos comunistas do Vietnã do Norte; assim, os norte-americanos literalmente perderam o interesse por toda a região do sudeste asiático. O comando do Khmer Vermelho, ou Angkar como era conhecido, percebera que o regime de Lon Non não suportaria muito tempo sem a ajuda dos EUA e aumentaram as investidas no interior do país, sempre com êxito e implementando de imediato a sua política de reestruturação social. A maioria dos soldados do exército do Khmer Vermelho era constituído de jovens entre 14 e 20 anos e analfabetos, “miúdos e esgotados, vestidos de negro e

---

<sup>75</sup> POWER, Samantha. **Genocídio: a retórica americana em questão**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 130.

<sup>76</sup> “Pedi papel com um gesto e comecei a escrever: ‘Saigon, 30 de abril. Hoje os soldados vietnamitas comunistas ocuparam Saigon pacificamente, passando com seus caminhões russos pelas três pistas das avenidas com sua bandeira hasteada. O povo de Saigon apenas olhava em silêncio. Não se ouviu um tiro.’” ARNETT, Peter. **Ao vivo do campo de batalha** – do Vietnã a Bagdá, 35 anos em zonas de combate de todo o mundo. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 350.

fortemente armados”<sup>77</sup>, oriundos na sua maioria do meio rural, que cresceram em meio a guerra, obedecendo cegamente aos comandos do Angkar, que salienta-se, era um grande mistério, pois ninguém conhecia a face dos líderes do Khmer Vermelho. Desta forma, passou a ser uma questão de tempo para que o Khmer Vermelho dominasse todo o Camboja e implementasse a sua política de ruptura social, implementando um novo modelo de sociedade, que somente seria conquistada pela força extrema.

Após cinco anos de combate e depois de dois anos após a retirada dos EUA do Vietnã, a Guerra Civil terminou no dia 17 de abril de 1975, quando as forças do Khmer Vermelho conquistaram triunfantemente a capital do Camboja, Phnom Penh. Talvez muitos cambojanos imaginassem que a tomada da sua capital teria um desfecho semelhante ao de Saigon, que caiu diante das forças comunistas em paz, e esta perdurara. Contudo, o calvário do povo cambojano estava apenas começando, pois a tomada de Phnom Penh pelos Khmers Vermelhos, seria o ponto inicial da construção de uma nova sociedade comunista-coletiva e de um novo país, que passou a ser chamado de República do Kampuchea Democrático. O meio de se chegar ao ideal proposto por Pol Pot e seus seguidores seria o terror, a violência extrema: um genocídio do próprio povo.

## 6 Poder, Ruptura Social e Genocídio no Camboja

Muitos sinais haviam sido dados, nos anos anteriores a queda de Phnom Penh, de que o Khmer Vermelho era de fato um grupo extremamente radical e violento, sendo que, se chegassem ao poder, instituiriam um regime totalitário<sup>78</sup>, mas ninguém deu a devida atenção aos alertas, fossem os próprios cambojanos, fosse a sociedade internacional. Com a conquista da capital do país, o Khmer Vermelho assumiu o poder de todo o Camboja, bem como sobre a vida e a morte dos seus cidadãos, implementando imediatamente a sua visão de sociedade comunista, coletiva e rural imaginada pelos seus líderes. Sob inspiração maoísta, iriam pregar que a única forma de construir uma nova sociedade é através de pessoas que não tivessem nenhuma influência com o regime anterior, ou seja, fossem uma “página em branco”<sup>79</sup>, em que o novo regime pudesse imbuir nos cidadãos uma nova forma de vida, absolutamente diferente do modo

<sup>77</sup> BRUNETEAU, Bernard. **O século dos genocídios**. Tradução de Isabel Andrade. Lisboa: Piaget, 2004, p. 204.

<sup>78</sup> “Num perfeito governo totalitário – onde todos os homens tornam-se Um-Só-Homem, onde toda ação visa à aceleração do movimento da natureza ou da história, onde cada ato é a execução de uma sentença de morte que a Natureza ou a História já pronunciou, isto é, em condições nas quais se pode ter plena certeza de que o terror manterá o movimento em constante atividade –, um princípio de ação separado da sua essência seria absolutamente desnecessário. Não obstante, enquanto o governo totalitário não conquista toda a terra e, com o cinturão de ferro do terror, não transforma cada homem em parte de uma humanidade única, o terror, em sua dupla função de essência de governo e princípio de não ação, mas de movimento, não pode ser completamente realizado.” ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 519.

<sup>79</sup> BRUNETEAU, Bernard. **O século dos genocídios**. Tradução de Isabel Andrade. Lisboa: Piaget, 2004, p. 198.  
Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania – Volume 5 – nº 1 - 2014

que viviam anteriormente. Assim, todas as pessoas que mantiveram algum vínculo com o regime deposto, bem como os letrados que tinham algum nível de escolaridade, não eram considerados “página em branco” e deveriam ser extirpados da sociedade ou reeducados.

Iniciava-se, então, o “ano zero” no Camboja no dia 17 de abril de 1975, quando o Khmer Vermelho assumiu o controle de todo o território e construiria um novo país. Neste mesmo dia, sob o pretexto de que os norte-americanos iriam enviar seus bombardeiros B-52 e destruir Phnom Penh, toda a população foi imediatamente evacuada da cidade, um êxodo que deslocou praticamente dois milhões de pessoas abruptamente da capital para o interior do país. O caos e a violência tomaram conta das ruas, sob a ameaça de armas de fogo, o exército Khmer Vermelho expulsava as pessoas das suas casas, dos seus locais de trabalho, dividindo famílias, deixando todos os seus pertences, uma vida inteira para trás.

Todos os cambojanos ligados diretamente ao governo de Lon Non<sup>80</sup>, políticos ou funcionários, assim como todos os oficiais das forças armadas, quando identificados, foram sumariamente executados. As pessoas que se recusavam a deixar a cidade ou que deixavam de acatar qualquer tipo de ordem dos soldados do Khmer Vermelho tinham o mesmo destino, execução imediata. Incrédulos, os cambojanos urbanos foram enviados as diversas comunas do interior, separados aleatoriamente pelos Khmers Vermelhos, para serem identificados e reeducados (reconstrução de si mesmo).

Assim que o Angkar assume o poder, as ordens são remetidas pela estrutura hierárquica do Khmer Vermelho, dos líderes aos subordinados, passando a utilizar o rádio como forma de propagação de comandos e propaganda ideológica. Sob tais comandos, o Camboja se tornaria o regime mais fechado do mundo, uma vez que o recém instaurado governo cambojano romperia relações diplomáticas com todos os países do mundo, a exceção da China, bem como expulsaria todos os estrangeiros, principalmente jornalistas.

Na esfera política, o rei Norodom Sihanouk retornara da China e voltara a ocupar o trono real, mas o poder estava totalmente concentrado no Angkar, deste modo, o rei de fato tornou-se um refém do Khmer Vermelho, um verdadeiro marionete nas mãos dos comunistas. O grande líder, o “irmão número um” como era chamado Pol Pot, seria designado Primeiro-Ministro do Camboja, contudo, ao contrário de outros regimes totalitários que idolatravam a imagem dos seus líderes, os homens que faziam parte do Angkar não eram conhecidos, os líderes do Khmer Vermelho eram uma grande incógnita. Somente em setembro de 1977<sup>81</sup>, mais de dois anos

---

<sup>80</sup> Lon Nol fugiu para os EUA antes da queda da capital.

<sup>81</sup> BRUNETEAU, Bernard. **O século dos genocídios**. Tradução de Isabel Andrade. Lisboa: Piaget, 2004, p. 193. Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania – Volume 5 – nº 1 - 2014

depois de assumir o poder, o Angkar se tornaria o Partido do Kampuchea Democrático e Pol Pot seria conhecido pelo mundo quando da ocasião de uma viagem oficial a China.

Isolados do resto do mundo, em absoluto segredo, os Khmers Vermelhos poderiam implementar a sua política de pureza social e política comunista, passando a perseguir os inimigos externos e, principalmente, os internos. Samantha Power relata que:

‘Inimigos’ eram eliminados. Pol Pot via dois tipos de inimigos – os externos e os internos. Os inimigos externos opunham-se ao socialismo no estilo Khmer Vermelho; incluíam ‘imperialistas’ e ‘fascistas’ como os Estados Unidos, e ‘revisionistas’ e ‘hegemonistas’ como a União Soviética e o Vietnã. Os inimigos internos eram aqueles considerados desleais.<sup>82</sup>

Para a identificação dos inimigos, aqueles que estão no poder devem diferenciar quem são o “nós” dos “eles”, e após, demonizar os “eles”, facilitando uma conduta humana típica em tempos de conflito, quando homens matam outros homens sob vários pretextos, porque os “eles” são inimigos, porque usam outro uniforme ou porque são “vermes, pulgas, traças, etc.”<sup>83</sup>.

Sob este pensamento, os dirigentes do Angkar passaram a diferenciar as pessoas segundo parâmetros específicos, identificando os inimigos internos, separando os que denominavam “povo antigo” dos demais. O “povo antigo” constituía-se pelas populações rurais, de origem khmer, e que já viviam nas comunas coletivas que o Khmer Vermelho formara desde 1970, logo, já reeducados pelo trabalho incessante nas plantações de arroz, base da agricultura cambojana. Quanto aos demais elementos do povo, eram divididos em “novo povo”, “infra povo” e “traidores”. O “novo povo”, eram as pessoas que viviam nas áreas urbanas do país ligados a uma classe econômica popular (empregados em geral, operários, camponeses refugiados ou que viviam nos locais controlados pelo governo de Lon Nol), e que por terem tido contato pelo espírito capitalista-imperialista, eram considerados contaminados, mas passíveis de reeducação. O “infra povo” são aqueles que o regime considerou como não-reeducáveis, em função da contaminação excessiva com o antigo regime, posto que todas as pessoas nesta categoria, por serem educadas, não aceitariam a reeducação forçada; fazem parte deste seguimento, todos os que possuam algum tipo de educação formal, intelectuais, profissionais liberais, comerciantes – burgueses em geral – além, é claro, do clero budista. Os não reeducáveis eram tidos como

<sup>82</sup> POWER, Samantha. **Genocídio: a retórica americana em questão**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 149.

<sup>83</sup> SÉMELIN, Jacques. **Purificar e destruir**. Usos políticos dos massacres e genocídios. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Difel, 2009, p. 68-72.

indignos de viver e seriam eliminados de forma progressiva. Por fim, os “traidores” eram os militares e os funcionários do antigo regime, que eram mortos imediatamente<sup>84</sup>.

Toda a população cambojana foi evacuada para o interior do país, para as selvas tropicais que compõem a zona rural, reassentados em comunas populares para serem reeducados conforme as ordens do Angkar. A comuna popular instituída pelo governo Khmer Vermelho no Camboja rural seguiu os moldes do Gulag soviético, em que o Estado de apodera do povo com a desculpa de proteção da contaminação estrangeira e dos inimigos internos, isolando-os em campos de “trabalho forçado prolongado (dez a doze horas por dia), normas diárias imperativas, descanso de um dia em dez (pelo menos no início), refeições coletivas, sessões de autocrítica, fobia institucionalizada à espionagem, (o *chlôp*, muitas vezes uma criança, que escuta as conversas e as reproduz no Angkar), separação dos cônjuges, reagrupamento à parte das crianças e envio dos adolescentes e dos solteiros para brigadas móveis afectadas às estâncias mais duras e mais longínquas”<sup>85</sup>. Ao deixarem as cidades, as pessoas deixaram todos os bens particulares e privados, nenhum tipo de propriedade privada era permitida, nem mesmo escovas de dentes, e, chegando nas comunas, todos começavam a trabalhar sem parar, primeiro as próprias pessoas deviam construir suas cabanas, onde passariam a residir, depois o trabalho árduo e sem fim no arrozal. Apesar do trabalho nas lavouras de arroz, as pessoas alimentavam-se uma vez por dia, a noite, com porções inferiores a 100 gramas de arroz diários (o recomendável seria 600 gramas). Sob o efeito do trabalho forçado, da alimentação precária, da falta de higiene, das doenças e do terror imposto pelos Khmers Vermelhos, ocorreu uma verdadeira “seleção natural” na selva cambojana, em que apenas os mais fortes sobreviveriam e onde cerca de um milhão de pessoas morreria por estes motivos<sup>86</sup>. A maioria dos mortos da zona rural, fossem por esgotamento ou mediante violência, sequer eram enterrados, seus corpos eram jogados nas plantações de arroz para fertilização do solo, fato que produziria a expressão “campos da morte” (*body fields*).

Nas comunas, o terror, a violência extrema e o desprezo pela vida humana eram constantes. Jovens, e até mesmo crianças, traiçoeiramente manipuladas pelo Angkar, estavam assassinando indiscriminadamente os seus próprios conterrâneos. Destacamos o impressionante testemunho de uma refugiada, que assim relatou a suas lembranças:

Trabalhávamos sete dias por semana sem pausa. O único momento em que parávamos de trabalhar era para ver alguém ser morto, o que servia de exemplo

---

<sup>84</sup> BRUNETEAU, Bernard. **O século dos genocídios**. Tradução de Isabel Andrade. Lisboa: Piaget, 2004, p, 186.

<sup>85</sup> BRUNETEAU, Bernard. **O século dos genocídios**. Tradução de Isabel Andrade. Lisboa: Piaget, 2004, p, 188.

<sup>86</sup> BRUNETEAU, Bernard. **O século dos genocídios**. Tradução de Isabel Andrade. Lisboa: Piaget, 2004, p, 190.  
Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania – Volume 5 – nº 1 - 2014



para nós. (...) No centro do local de reunião havia uma mulher com as mãos amarradas nas costas. Estava grávida, com o ventre bojudo. Diante dela havia um menino de uns seis anos segurando um machado. Com sua vozinha esganiçada ele gritou para que olhássemos o que ele iria fazer. Disse que quem não olhasse seria o próximo a ser morto. Acho que todos olhamos, pois a mulher foi a única morta aquele dia. O menino parecia um demônio do inferno. Tinha os olhos vermelhos e não parecia humano. Ele usou as costas do machado e golpeou com força o corpo da pobre mulher até ela cair no chão. Continuou batendo nela até ficar cansado demais para continuar.<sup>87</sup>

Em paralelo, o governo Khmer Vermelho construiria uma enorme rede carcerária, com o objetivo exclusivo de eliminação dos inimigos internos. Seleccionados, todos os inimigos eram enviados a uma das mais de 150 prisões, destinadas não a prender cidadãos, mas em torturá-los e assassiná-los. O mais mortal (sete prisioneiros sobreviveram de um total de dezesseis mil que foram aprisionados no local) e conhecido centro de extermínio do Khmer Vermelho foi Tuol Sleng, denominado de S-21, comandado por Kang Keck iew, que adotaria o pseudônimo Duch. Tal qual outros líderes do Khmer Vermelho, Duch era um homem que possuía uma ótima educação, era um intelectual e jovem professor de matemática que trabalhava no Instituto Pedagógico da capital, mas que influenciado pela ideologia marxista-leninista, tornara-se comunista e aliara-se a Pol Pot e seus seguidores ainda na década de 1960. Da mesma forma que os nazistas, os Khmers Vermelhos eram metódicos e organizados, pois todas as pessoas que entravam nos centros prisionais, eram identificados e fotografados (o que ajudaria nas futuras reconstituições), antes de serem torturados e assassinados. Sob o comando de Duch, um “manual do interrogador” com 42 páginas fora redigido, explicando como os torturadores deveriam proceder, como extrair confissões, como matar; também fornecia instruções de como os torturados deveriam agir<sup>88</sup>. Neste verdadeiro inferno que se transformara o Camboja, centenas de milhares e pessoas seriam torturadas nos centros prisionais.

Desta forma, o Khmer Vermelho conseguira disseminar o terror, instituindo uma sociedade revolucionária coletiva, em que o indivíduo é totalmente irrelevante, consolidando o terrível

---

<sup>87</sup> POWER, Samantha. **Genocídio**: a retórica americana em questão. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 147.

<sup>88</sup> POWER, Samantha. **Genocídio**: a retórica americana em questão. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 177-8.

lema do governo que dizia: “Manter você não é um ganho; matar você não é uma perda”<sup>89</sup>. Sob este regime absurdamente totalitário e sangrento, milhões de seres humanos perderam a vida por fome, tortura, morte a pauladas (devia-se economizar munição), entre outras formas, sendo certo que o número de vítimas varia “consoante os métodos utilizados, por amostragem ou residuais, as estimativas mais sérias variam hoje entre os 1.500.000 de vítimas (Ben Kiernan), 1.700.000 (Chandler), 1.800.000 (Sliwinski), e até mesmo 2.200.000 (Heuveline), isto é em relação à população de 1975 calculada em 7.500.000 de pessoas, uma taxa de desaparecimento que oscila entre os 20 e os 29,5 por cento”<sup>90</sup>.

Por suas características, o genocídio na Camboja fora único. A perseguição das vítimas não ocorrera apenas por questões de etnia – as minorias étnicas, assim como os religiosos também foram perseguidos<sup>91</sup>, mas este não foi o motivo principal – a perseguição era ideológica, política. O alvo principal enquanto grupo político do genocídio, eram os inimigos de classe social, sendo que todos os intelectuais, considerados aqueles que possuíam estudo superior ao sétimo ano escolar, bem como qualquer pessoa que fosse instruída, ou parece-se ser (tal como simplesmente usar óculos), deveriam ser mortas.

As poucas pessoas que conseguiram fugir do Camboja durante o período do Kampuchea Democrático, fixaram-se em campos de refugiados na Tailândia ou no Vietnã, oferecendo depoimentos das privações que sofreram e dos horrores cometidos pelo seu próprio governo. Inicialmente, a comunidade internacional não prestara atenção em tais relatos, que denunciavam que estaria cometendo um genocídio no Camboja, nem os norte-americanos, soviéticos ou europeus, nenhum destes governos mencionou na ONU o genocídio que estava em curso no Camboja. O primeiro país a denunciar o genocídio no Camboja na ONU foi Israel, quando o seu embaixador Chaim Herzog mencionou que o povo khmer estava matando os próprios khmers, falando em “autogenocídio”<sup>92</sup>. As discussões internacionais se estaria, ou não, ocorrendo um genocídio no Camboja perdurariam até a queda do governo Khmer Vermelho em 1979, o que não mudaria em nada a política interna sob o comando do Angkar.

---

<sup>89</sup> POWER, Samantha. **Genocídio**: a retórica americana em questão. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 150.

<sup>90</sup> BRUNETEAU, Bernard. **O século dos genocídios**. Tradução de Isabel Andrade. Lisboa: Piaget, 2004, p. 183.

<sup>91</sup> “A minoria vietnamita foi completamente exterminada. Dos 500 mil chams muçulmanos que viviam no Camboja antes da vitória de Pol Pot, por volta de 200 mil sobreviveram. Dos 60 mil monges budistas, restaram apenas mil.” POWER, Samantha. **Genocídio**: a retórica americana em questão. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 175.

<sup>92</sup> POWER, Samantha. **Genocídio**: a retórica americana em questão. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 156.

Certamente o maior erro estratégico do governo de Pol Pot foi tentar levar o seu ideal de revolução para os países vizinhos, principalmente ao Vietnã a partir de 1977. Sob o governo do Khmer Vermelho, o Camboja tratou o seu vizinho fronteiro como um inimigo externo, invadindo sistematicamente o território vietnamita e espalhando o terror em algumas de suas aldeias. Evidentemente o governo vietnamita não aceitava estas invasões do seu território, confrontando os Khmers Vermelhos em todas as investidas no território do Vietnã, mas nunca invadindo o Camboja. Como pano de fundo deste conflito entre Camboja e Vietnã, estavam China e URSS e a hegemonia do socialismo internacional.

A partir de 1978, a URSS passou a condenar internacionalmente o governo Cambojano controlado pelo Khmer Vermelho, não pelo genocídio mas pelas invasões do território do Vietnã, apoiando os vietnamitas. O governo de Hanói (capital do Vietnã unido) organizou uma força de 100 mil soldados, que recebeu o apoio de 20 mil cambojanos insurgentes, invadindo o Camboja a partir do delta do rio Mekong no dia 25 de dezembro de 1978 e, com apoio aéreo, conseguiram dominar Phnom Penh praticamente sem resistência no dia 7 de janeiro de 1979, uma “vitória-relâmpago”<sup>93</sup>. Sem apoio popular, os líderes do Khmer Vermelho são facilmente derrubados do governo, perdem o poder e fogem para a selva ao norte do Camboja ou para a Tailândia, encerrando-se o genocídio perpetrado pelo Khmer Vermelho no Camboja.

## 7 Guerra Contínua, Política Internacional e “Pôncio Pilatos”

Com a destituição do governo genocida e sanguinário Khmer Vermelho pela ocupação do Camboja pelo Vietnã, verificou-se que o país estava destruído. Milhões de cidadãos estavam mortos ou profundamente abalados em decorrência das privações a que foram expostos, a infraestrutura do país fora destruída e a economia estava arruinada; sobraram apenas destroços:

Quando tudo acabou, só um punhado de médicos sobreviveu: 93% foram exterminados, assim como a maior parte dos 100.000 monges budistas, jornalistas (oito sobreviventes), professores e profissionais liberais. 5.857 escolas tinham sido incendiadas, 1.987 templos, 796 hospitais e postos de saúde destruídos. A Biblioteca Nacional virou um chiqueiro de porcos.<sup>94</sup>

<sup>93</sup> POWER, Samantha. **Genocídio: a retórica americana em questão**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 175.

<sup>94</sup> FORGANES, Roseli. Camboja: onde a guerra nunca acaba. **Horizonte geográfico**. São Paulo, Audichromo, ano 10, n. 54, p. 57, nov./dez. 1997.

Enquanto as tropas vietnamitas vasculhavam Phnom Penh, ao sentirem cheiro de corpos em decomposição, descobriram Tuol Sleng, e, partir de então, vislumbraram outros centros de extermínio, que demonstravam cabalmente que um genocídio havia ocorrido. Estes centros podem ser assim descritos:

As salas estão repletas de fotos, já que os Khmers eram assassinos organizados e fotografaram todo mundo. Homens, mulheres, velhos, crianças de seis anos, até bebês, sala após sala, as paredes estão repletas de olhares terríveis que seguem o visitante. Angústia, resignação, terror, incompreensão em cada olhar. Em todo o Camboja existiram centenas de lugares como esse, mas só Tuol Sleng foi conservado. (...)

A 15 km do centro fica o campo de extermínio de Choeng Ek, digno da barbárie nazista, com centenas de fornos crematórios que funcionavam 24 horas por dia. Para economizar munição, os prisioneiros eram abatidos a pauladas. No total foram encontrados 129 fossas comuns, das quais só 40 foram abertas e os ossos colocados numa espécie de monumento no centro do campo. Mas em todo o país ainda restam centenas de valas comuns e não se passa uma semana sem que mais uma seja descoberta.<sup>95</sup>

Prontamente, os vietnamitas se apressaram para mostrar ao mundo as atrocidades cometidas pelo Khmer Vermelho, criando o Museu de Tuol Sleng:

Os novos líderes transformaram os instantâneos de prisioneiros assassinados na talvez mais vívida acusação do mal na segunda metade do século XX. Meninos, meninas, homens e mulheres de todos os tamanhos, tons e formas haviam sido fotografados. Alguns foram espancados; outros parecem barbeados e tranqüilos. Alguns tem ar desvairado, outros, resignado. Como nos campos de concentração alemães, todos usam números. E todos exibem um último arquejo de individualidade no olhar. É com esses olhos que interrogam o interrogador. Que suplicam. Que se humilham. Que acusam. Que interpelam. Que zombam. E, para quem visita, que lembram. É nos olhos dessas pessoas, muito mais do que nas pilhas de crânios reunidas em povoados por todo o Camboja, que os visitantes são espicaçados a confrontar o transe dos últimos

---

<sup>95</sup> FORGANES, Roseli. Camboja: onde a guerra nunca acaba. **Horizonte geográfico**. São Paulo, Audichromo, ano 10, n. 54, p. 57, nov./dez. 1997.

dias das vítimas. Com seus olhos, a maioria dos cambojanos indica que permaneciam muito vivos e que esperavam continuar assim.<sup>96</sup>

Todas as violações aos direitos humanos possíveis e imagináveis haviam ocorrido no Camboja durante o governo Khmer Vermelho, mas após o sucesso da invasão vietnamita, o Camboja passou a ter um novo governo, comandado por Heng Samrin e Hun Sen, dois ex-líderes do Khmer Vermelho que haviam desertado, fugindo para o Vietnã em 1977 e que ajudaram a organizar as forças insurgentes cambojanas. Muito embora a invasão do Camboja pelo exército do Vietnã tenha sido uma benção para o povo cambojano, esta fora motivada pelos constantes incidentes fronteiriços entre os dois países e não pelo genocídio cometido pelos Khmers Vermelhos. Além disso, esta invasão não seria aceita pela China, pelos EUA e seus aliados, entrando em cena uma enorme disputa de política internacional, em que o genocídio seria temporariamente esquecido, colocado em segundo plano diante dos efeitos beligerantes e de poder das superpotências.

Considerando que o Vietnã era apoiado pela URSS, a China e os EUA passaram condenar a invasão do Camboja pelas forças vietnamitas e não reconheceram o recém instalado governo cambojano, que aliás, não possuía apoio entre o povo, pois embora os vietnamitas tivessem expulsado os Khmers Vermelhos do poder, mantinham uma ocupação militar. O próprio rei Norodom Sihanouk, que permanecera preso no seu palácio durante o período do governo de Pol Pot, passou a condenar os Khmers Vermelhos, como também o novo governo e, principalmente, os vietnamitas, partindo para o exílio em 1979. Desta forma, um grande impasse se formou uma vez que o Camboja passou a ter dois governos, um no exílio cujos membros eram os integrantes do Khmer Vermelho apoiados pelos EUA, China e pelo rei Norodom Sihanouk, e outro, recém empossado, sustentado pelos vietnamitas e soviéticos.

As relações internacionais amistosas e interesses políticos e econômicos, favoreceram uma aliança entre EUA e China, que estavam sendo gestadas desde 1969, após os incidentes entre URSS e China, como forma de contenção do poder soviético na Ásia. Durante as décadas de 1970 e 1980, EUA e China estreitaram um relacionamento que algumas décadas anteriores poderia parecer improvável, florescendo o intercâmbio estudantil (40.000 estudantes chineses matriculados em universidades norte-americanas na década de 1980), incentivando o comércio entre os dois países e os investimentos mútuos (os EUA passaram a investir em produção na

---

<sup>96</sup> POWER, Samantha. **Genocídio**: a retórica americana em questão. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 178.



China e esta tornou-se uma grande credora dos títulos públicos norte-americanos).<sup>97</sup> Sob este contexto, por incrível que possa parecer, o Khmer Vermelho conseguiu manter um certo poder, pois foi reconhecido internacionalmente por EUA e China como o verdadeiro e legítimo governo do Camboja. O que efetivamente aconteceu, foi que em virtude da Guerra Fria, EUA e China uniram-se ao Khmer Vermelho contra a URSS e o Vietnã, na mais pura acepção da expressão “o inimigo do meu inimigo é meu amigo”.

É de se destacar neste cenário, o papel da Tailândia, que apesar de anti-comunista, recebeu alguns dos líderes do Khmer Vermelho, entre eles Khieu Samphan e Ieng Sary, que estudaram com Pol Pot na década de 1950 na França, tudo como forma de contenção do Vietnã e da URSS na região. Assim, os Khmers Vermelhos conseguiram estruturar um governo paralelo do Camboja no exílio. Neste mesmo período, Pol Pot e outros Khmers Vermelhos, que fugiram para as selvas, mantiveram um movimento guerrilheiro, apoiados militarmente pela China.

As práticas genocidas do Khmer Vermelho eram públicas e notórias, contudo, em virtude do apoio internacional que recebera, mesmo sendo um governo no exílio, passaram a postular o assento do Camboja na ONU, como se fossem os legítimos detentores do poder. Após acalorados e exaltados debates no Comitê de Credenciais e, depois, na Assembléia Geral, o Khmer Vermelho assumiu o assento do Camboja na ONU, no dia 21 de setembro de 1979, com uma votação folgada (71 a favor; 35 contra; 34 abstenções; 12 ausências)<sup>98</sup>, hasteando a sua bandeira – do Khmer Vermelho, não do Camboja – na fachada da sede da ONU em Nova York.

Durante toda a década de 1980, a situação política do Camboja pouco foi modificada. Pol Pot e alguns Khmers Vermelhos permaneceram na selva cambojana espalhando o terror nas áreas sob seu controle, combatendo o governo de Heng Samrin; este continuou no poder apoiado pelas tropas invasoras vietnamitas; e, Ieng Sary representava o Khmer Vermelho e o Camboja na ONU (a partir de 1982, o Khmer Vermelho partilhou o poder, por determinação dos EUA e da China, formando a Frente Nacional de Libertação do Povo Khmer, constituída além do Khmer Vermelho, pelo rei Norodom Sihanouk e por Son Sen, que deixara o governo de Heng Samrin). Durante toda esta década, em função dos constantes empecilhos patrocinados pelos EUA e pela China para investigar o genocídio no Camboja, praticamente nada foi feito e, ao contrário do que se esperava, muitos passaram a questionar se havia ou não ocorrido um genocídio, pois a perseguição e assassinato de milhões de pessoas tiveram um conteúdo preponderantemente

<sup>97</sup> STORY, Jonathan. **China:** a corrida para o mercado. Tradução de Bázan tecnologia e lingüística. São Paulo: Futura, 2004, p. 71.

<sup>98</sup> POWER, Samantha. **Genocídio:** a retórica americana em questão. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 185.

político e não étnico, sendo que a Convenção para Prevenção de Genocídio da ONU de 1948, nada estabelecia sobre perseguições políticas. Desta forma, os genocidas do Khmer Vermelho permaneceram confortavelmente instalados na sede da ONU, fazendo com que muitos diplomatas se sentissem como Pôncio Pilatos, pois sabiam das atrocidades cometidas, mas nada podiam fazer. Esta situação seria alterada somente com os eventos que culminaram com o fim da Guerra Fria.

## 8 Desinteresse, Democracia e o Tribunal Tardio

Nos anos 1980, a URSS começou a sentir os efeitos da centralização excessiva dos seus sistemas econômico e político, momento em que assumiria o comando do Partido Comunista da União Soviética um novo e reformista secretário-geral, Mikhail Gorbachev. A partir de 1986, fora implantada na URSS uma reestruturação econômica (*perestroika*) objetivando modernizar e fomentar a economia soviética que não mais conseguia competir com as nações capitalistas na nova ordem econômica mundial globalizada e tecnológica, bem como iniciada a abertura política (*glasnost*) oferecendo transparência na ordem política soviética ampliando a liberdade de expressão necessária em virtude da crescente difusão das informações. As reformas econômicas, que eram de fato necessárias, foram um fracasso e a URSS mergulhou em um período de enorme instabilidade econômica e social, com a disparada da inflação e dos preços à disposição da população.

Em 1989, a Europa que permanecera décadas pressionada pelas duas superpotências, dividida pela cortina de ferro imposta pela URSS, verificou que os soviéticos estavam perdendo o poder e começaram a reivindicar os seus direitos de liberdade, principalmente os alemães, que culminaria com a queda do muro de Berlim<sup>99</sup> e com os movimentos de libertação dos países da Europa oriental da influência da URSS. Ainda em 1989, Mikhail Gorbachev faz uma visita à

---

<sup>99</sup> “A revolução recuperadora tomou seus meios e seus padrões emprestados ao conhecido repertório das revoluções da modernidade. Surpreendentemente, foi a presença das massas, aglutinadas nas praças e mobilizadas nas ruas, que derrotou um regime armado até os dentes. Foi aquele tipo de ação espontânea das massas, que já se acreditava estar morto, e que já servira de modelo a tantos teóricos da revolução.

Pela primeira vez, essa ação desenvolveu-se no espaço não clássico de uma arena mundial, criada pelos sempre presentes meios de comunicação de massa, e observada por espectadores participantes e que tomavam partido. Mas as exigências revolucionárias extraíram sua força e legitimidade dos ideais de soberania popular e de direitos humanos. Assim, a história acelerada desmentiu a imagem da estática pós-história. Ela destruiu o panorama pós-moderno de uma burocracia cristalizada e paralisada, afastada de qualquer legitimidade e universalmente difundida.

Na verdade, o que se anuncia com o desmoronamento revolucionário do socialismo burocrático é um grande passo em direção à modernidade – o espírito do Ocidente alcança o Oriente, não só com a civilização tecnológica, mas também com sua tradição democrática.” HABERMAS, Jürgen. A revolução e a necessidade de revisão na esquerda – o que significa o socialismo hoje? *In*: BLAKBURN, Robin (org.). **Depois da queda**: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. Tradução de Luis Krausz. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992. p. 51.

Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania – Volume 5 – nº 1 - 2014

China, desgelando as relações entre ambas nações, que passariam a manter boas relações a partir de então, deixando de se considerarem inimigas, o que eram desde 1969. Com a reaproximação da URSS e da China, o “campo de batalha” cambojano passou a ser irrelevante para estes países, bem como para os EUA que deixariam de apoiar os Khmers Vermelhos. Com o desmantelamento e extinção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas<sup>100</sup>, surgiria uma nova ordem política mundial, com a Rússia se impondo, na qual o Camboja não possuía absolutamente nenhum interesse para as potências mundiais.

Conforme o cenário da política internacional se modificara no final da década de 1980, seus efeitos foram sentidos no Camboja. Em 1989, após dez anos de ocupação militar, o exército vietnamita deixa o Camboja e retorna ao Vietnã. No entanto, a violência e a instabilidade política no Camboja perduravam, posto que o governo de Heng Samrin mesmo sem o apoio dos vietnamitas continuava no poder, mas com pressão interna da guerrilha armada no norte do país controlada pelo Khmer Vermelho e Pol Pot, e também, pressionado externamente por Norodom Sihanouk.

Para tentar solucionar este impasse político e evitar uma nova Guerra Civil no Camboja, a ONU patrocinou dois encontros para a tentativa de um acordo envolvendo todas as partes, as chamadas Conferências de Paris, a primeira no verão de 1989 e a segunda no outono de 1991<sup>101</sup>. Sob pressão as potências internacionais, os cambojanos dos quatro grupos rivais (o governo de Heng Samrin, o do rei Norodom Sihanouk, o de Son Sen e o Khmer Vermelho) chegaram a um acordo de cessar-fogo e de aceitar uma Autoridade Provisória das Nações Unidas no Camboja. No texto do acordo vetou-se a palavra “genocídio”<sup>102</sup>, uma vez que poderia trazer implicações para os envolvidos, afinal de contas, quase todos os negociadores eram genocidas.

A democracia iria vagarosamente ser instalada no Camboja, que resultaria no rompimento entre os líderes do Khmer Vermelho; alguns aboliriam as armas e partiriam para a vida político-partidária através do Partido do Kampuchea Democrático (nome oficial do Khmer Vermelho

---

<sup>100</sup> Em 1991 a URSS perdera o controle sobre todos os outros países comunistas, que se torvavam independentes, e, estava a beira do caos político e econômico, o que resultou em um golpe de Estado no dia 19 de agosto de 1991, perpetrado por comunistas inflexíveis, ocasião em que Mikhail Gorbachev permaneceu 3 dias detido na Criméia. Mas, com o apoio do presidente da República Russa, Boris Yeltsin, conseguiu retornar ao poder. Contudo, Gorbachev saíra enfraquecido do episódio e, paulatinamente, o fortalecido Boris Yeltsin assumiria o poder (político e militar), culminando com a extinção da URSS decretada por ele no dia 25 de dezembro de 1991.

<sup>101</sup> PESCHOUX, Christophe. O Khmer Vermelho à beira do colapso. *In*: RAMONET, Ignacio; GRESH, Alain. (cords.). **A desordem das nações**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 155.

<sup>102</sup> “Isso acarretou um momento constrangedor em meio a uma negociação que varou a noite, na qual, segundo funcionários americanos presentes, (...) Sihanouk levantou-se e declarou: ‘Digo que foi genocídio, foi genocídio, foi genocídio’. Como mais uma vez prevaleceu a posição dos Estados Unidos, os acordos não fizeram menção a genocídio, mas às ‘políticas e práticas universalmente condenadas do passado’”. POWER, Samantha. **Genocídio: a retórica americana em questão**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 188. Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania – Volume 5 – nº 1 - 2014

após as Conferências de Paris), outros, entre eles Pol Pot, permaneceriam fiéis a Revolução e continuariam a luta armada, violando o cessar-fogo, matando 1.100 cambojanos e ferindo outros 1.700 entre junho de 1992 e agosto de 1993.<sup>103</sup> Mesmo diante destas instabilidades, a Autoridade Provisória é instalada e, em 1993, são realizadas eleições livres, na qual o partido de Norodom Sihanouk vence as eleições parlamentares e forma um governo de maioria com o grupo político de Son Sen. Uma nova Constituição é aprovada em setembro de 1993 e o rei Norodom Sihanouk é coroado novamente, instalando-se uma monarquia constitucional, com dois Primeiros-Ministros, Son Sen e o príncipe Norodom Ranariddh. Em 1997, o Primeiro-Ministro Son Sen fomenta um golpe de Estado e destitui Norodom Ranariddh do cargo, fazendo que este parta para o exílio em Paris, contudo, um ano depois, Son Sen aceita o retorno de Ranariddh, que passa a presidir a Assembléia Nacional do Reino do Camboja.

Com o processo democrático sendo estabelecido no país e sem nenhum apoio, externo ou interno, após permanecer dezoito anos escondido nas selvas cambojanas liderando os poucos Khmers Vermelhos revolucionários guerrilheiros, Pol Pot é preso por seus próprios companheiros e reaparece em 1997, sendo sumariamente julgado e condenado a prisão perpétua. O “Irmão Número Um” faleceu durante a execução da pena, que cumpria em prisão domiciliar, cerca de um ano após a sua prisão, em um suposto ataque cardíaco. Em 1999, as tropas do exército cambojano capturariam o grupo de Ta Mok, o último líder guerrilheiro remanescente do Khmer Vermelho, encerrando a guerrilha no país.

Na esteira dos acontecimentos internacionais da década de 1990, que vislumbraria outros genocídios (Iugoslávia e Ruanda, entre outros) e a criação de Tribunais Penais Internacionais, a Assembléia Geral das Nações Unidas utiliza pela primeira vez a expressão “atos de genocídio”, para os eventos ocorridos durante o período do Kampuchea Democrático, em uma resolução do dia 12 de dezembro de 1997<sup>104</sup>. A partir de então, a comunidade internacional passa a pressionar o governo do Camboja a aceitar a instalação de um Tribunal Penal Internacional para apurar os crimes cometidos pelo Khmer Vermelho, julgando e punindo os responsáveis.

O governo de Son Sen é relutante ao aceitar a proposta da ONU em criar um Tribunal Penal Internacional no Camboja, entendendo que se tal tribunal fosse instalado, as nações estrangeiras estariam interferindo na soberania do Camboja. Mas, em virtude da situação econômica precária do país, aceita um empréstimo internacional de 548 milhões de dólares no

---

<sup>103</sup> PESCHOUX, Christophe. O Khmer Vermelho à beira do colapso. *In*: RAMONET, Ignacio; GRESH, Alain. (cords.). **A desordem das nações**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 155.

<sup>104</sup> BRUNETEAU, Bernard. **O século dos genocídios**. Tradução de Isabel Andrade. Lisboa: Piaget, 2004, p. 221. Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania – Volume 5 – nº 1 - 2014

ano 2000, assinando após um acordo com a ONU, que preservaria a soberania cambojana<sup>105</sup>. Em janeiro de 2001, a Assembléia Nacional aprovou o acordo com a ONU, restringindo o julgamento apenas aos indivíduos com responsabilidade máxima pelo genocídio perpetrado pelo regime Khmer Vermelho. Em agosto deste mesmo ano, o rei Norodom Sihanouk assinou a “Lei sobre a criação das Câmaras Extraordinárias nos Tribunais do Camboja para o julgamento dos crimes cometidos durante o período do Kampuchea Democrático”<sup>106</sup>, mantendo a limitação do alcance dos julgamentos aos “altos líderes do Kampuchea Democrático”, cometidos entre o dia 17 de abril de 1975 a 6 de janeiro de 1979, bem como fornecendo as regras para a instalação do tribunal.

Diante destas medidas, um Tribunal Penal Internacional *Ad Hoc* é instalado no Camboja, utilizando o Código Penal cambojano de 1956, podendo levar a julgamentos os suspeitos que tenham cometido crimes contra a humanidade ou algum crime tipificado como genocídio, tal como definido pela Convenção sobre a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio, de 1948 da ONU. Uma crítica constante aos Tribunais Internacionais instalados anteriormente (Nuremberg, Tóquio, etc.), era de que, na data dos respectivos genocídios, não havia lei que punisse a conduta dos agentes<sup>107</sup>, sendo certo que na época da elaboração da lei cambojana que instituiria o seu Tribunal Internacional, os negociadores já estavam cientes destas críticas, o que levou a inserção no texto legal na possibilidade de punição não apenas pelas regras da ONU – o Camboja não ratificou a Convenção de 1948 – mas sim como base no Código Penal cambojano de 1956, em vigor no período do Kampuchea Democrático.

Em paralelo a estrutura do Poder Judiciário cambojano, foram criadas as Câmaras Extraordinárias do Tribunal do Camboja, que possuem a competência para o julgamento dos crimes contra a humanidade e dos atos de genocídio, sendo instituídos três graus de jurisdição. O Tribunal de Julgamento da Câmara Extraordinária é composto por cinco juízes profissionais,

---

<sup>105</sup> “(...) o compromisso diplomático permitiu que se criassem os tribunais ‘ad hoc’ para a Ruanda, a ex-Iugoslávia, o Camboja e a Serra Leoa, estabelecendo, nesses acordos, limites para atuação dos promotores e preservando um certo controle dos estados sobre a atuação dos tribunais. A competência desses tribunais ‘ad hoc’ tem limites temporais e materiais e oferecem garantias à preservação da soberania dos estados. De um lado, aqueles que defendiam a necessidade de uma justiça universal absoluta, e, de outro, os que ferozmente defendem as soberanias nacionais. Por isso mesmo o tratado que a criou, limitou a extensão da sua competência em primeiro lugar às pessoas naturais dos estados que ratificaram esse tratado, ou para os crimes cometidos sob o seu território.” BAPTISTA, Luiz Olavo. Os crimes de guerra no direito internacional de nossos dias. In: ROCHA, Maria Elizabeth Guimarães Teixeira; PETERSEN, Zilah Maria Callado Fadul (coord.). **Coletânea de estudos jurídicos**. Brasília: Superior Tribunal Militar, 2008. p. 704.

<sup>106</sup> Disponível em: <<http://www.derechos.org/human-rights/seasia/doc/krlaw.html>> acesso em 01 de junho de 2011.

<sup>107</sup> Desde a não punição de Guilherme II após o final da Primeira Guerra Mundial, houve a consolidação do entendimento internacional de que os agentes, não apenas o Estado, deveriam ser punidos em caso de genocídio e crimes contra a humanidade.



sendo três cambojanos, dois estrangeiros e dois reservas, um cambojano e um estrangeiro. O Tribunal de Apelação da Câmara Extraordinária será composto por sete juízes, quatro cambojanos, três estrangeiros e dois reservas, um cambojano e outro estrangeiro. E, o Tribunal Supremo da Câmara Extraordinária deverá ser composta por nove juízes, cinco cambojanos, quatro estrangeiros e dois reservas, um cambojano e um estrangeiro. Em todos os graus de jurisdição, a presidência das Câmaras Extraordinárias deve ser ocupada, obrigatoriamente, por juízes cambojanos. Estes são escolhidos pelo Conselho Superior da Magistratura e os estrangeiros indicados pelo Secretário-Geral das Nações Unidas, que apresenta uma lista de doze nomes e o Conselho Superior da Magistratura escolhe e nomeia os nove juízes estrangeiros e os três reservas, indicando a jurisdição e competência de cada juiz.

Além das Câmaras Extraordinárias, outros órgãos foram criados para a investigação e apoio do Tribunal Internacional. Todas as acusações deverão ser realizadas por co-promotores, que funcionam como Ministério Público, sendo composto por dois promotores, um cambojano e um estrangeiro, que devem trabalhar juntos e são independentes no exercício das suas funções, não podendo aceitar ou solicitar instruções de nenhum governo ou qualquer outra fonte, preparando as acusações contra os suspeitos nas Câmaras Extraordinárias. Sendo necessário à investigação, os co-promotores podem solicitar apoio do Governo Real do Camboja, que deverá fornecer a assistência solicitada. Além do Ministério Público, é criado um Escritório de Administração, que auxilia as Câmaras Extraordinárias, tendo um Diretor cambojano e um Vice-Diretor estrangeiro. As Câmaras Extraordinárias devem ser localizadas na capital do Camboja, Phnom Penh, sendo que a língua oficial será o Khmer, com tradução em Inglês, Francês e Russo. Todas as despesas com o pessoal cambojano será suportada pelo orçamento do Camboja e as Nações Unidas custeará as despesas dos estrangeiros.

Após a queda do governo Khmer Vermelho em 1979, Kang Keck iew, o terrível e temido Duch, comandante de Tuol Sleng, fugiu com sua família para a Tailândia, passando a utilizar uma identidade falsa, ocasião em que, de forma autodidata, aprendeu tailandês e inglês. Recomeçou a vida em um campo de refugiados na Tailândia, onde voltou a lecionar matemática, além de inglês. Apesar da queda do regime, continuou mantendo contato com os líderes do Khmer Vermelho, mas pôde ser rebaixado a um posto subalterno na hierarquia do movimento, pois não destruiu as provas do genocídio cometidos em Tuol Sleng. Depois dos acordos da Conferência de Paris, Kang Keck iew – mantendo a identidade falsa – retornou ao Camboja e permaneceu em uma aldeia isolada perto da fronteira com a Tailândia, adquirindo uma propriedade e mantendo a atividade acadêmica. Em 1995, houve um ataque contra a sua casa,

Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania – Volume 5 – nº 1 - 2014

ocasião em que a sua esposa foi assassinada, e, diante das instabilidades políticas cambojanas entre os anos de 1995 e 1998, em que havia um sentimento de insegurança, ele e seus filhos mudaram-se constantemente de cidades. Durante este período, converteu-se ao cristianismo, sendo batizado em uma Igreja Evangélica Khmer-americana. Estabilizada a situação política do Camboja, passou a residir na cidade de Samlaut, assumindo o cargo de Diretor de Educação e trabalhando em uma comunidade humanitária cristã. Um foto-jornalista chamado Nic Dunlop rastreou Kang Keck iew e descobriu a sua verdadeira identidade e, junto com o jornalista Nate Thayer, o entrevistou para uma revista. Com a publicação desta entrevista, Kang Keck iew revelou a sua verdadeira identidade e entregou-se às autoridades cambojanas em 1999, sendo aprisionado imediatamente.

Cumprindo prisão preventiva em uma instalação militar cambojana, Kang Keck iew seria formalmente acusado de crimes contra a humanidade e genocídio, além de violações contra o Código Penal do Camboja, pelo Tribunal Penal Internacional somente no dia 31 de janeiro de 2007, demora esta ocorrida em função da longa negociação da ONU com o governo cambojano, que adiou a instalação do Tribunal. Iniciado o julgamento, os co-promotores se empenharam em provar os fatos cometidos em Tuol Sleng sob a liderança do acusado, solicitando, inclusive, vários testemunhos. Destacamos o testemunho de Nhem En, fotógrafo chefe de Tuol Sleng, que iniciara a carreira no Khmer Vermelho aos nove anos de idade e que recebeu treinamento, ideológico e fotográfico na China. Afirmou que seu trabalho era receber os prisioneiros, às vezes poucos, em outras ocasiões um caminhão, identificar e tirar fotografias de todos, “(...) eu tinha que limpar, desenvolver e secar as fotos e levá-los a Duch por minha própria mão. Eu não poderia cometer um erro. Se uma das imagens fosse perdida eu estaria morto (...) Duch gostava de mim porque eu era limpo e organizado.”<sup>108</sup> No seu próprio depoimento, Kang Keck iew tentou se eximir da responsabilidade afirmando que o Khmer Vermelho somente conquistou o poder no Cambona em função da política desastrosa dos EUA, comandados por Nixon e Kissinger nos anos 1970. Diante das fartas provas produzidas perante o Tribunal de Julgamento da Câmara Extraordinária, os co-promotores requereram a condenação do acusado a pena de 40 anos de prisão pela prática dos crimes de genocídio e contra a humanidade, além condutas delituosas previstas no Código Penal do Camboja. No dia 26 de julho de 2010, Kang Keck iew, também conhecido como Duch no período do Kampuchea Democrático, foi condenado a 35 anos de prisão. Houve a interposição do recurso de apelação pelo condenado, requerendo a sua

---

<sup>108</sup> Disponível em: < <http://www.globalpolicy.org/international-justice/international-criminal-tribunals-and-special-courts.html> > acesso em 27 de julho de 2011.

absolvição posto que não se considera um grande líder do regime, sendo que o recurso será oportunamente julgado pelo Tribunal de Apelação da Câmara Extraordinária. Considerando que a prisão preventiva excedeu o limite máximo permitido pela lei cambojana, haverá uma dedução de 5 anos na pena e, considerando ainda que o acusado, na data da sua condenação em primeiro grau de jurisdição já cumprira 11 anos de prisão preventiva, sendo a sentença mantida, o mesmo poderá ser libertado em 2029, ocasião em que terá 87<sup>109</sup> anos de idade.

A sentença que condenou Kang Keck Iew é a única proferida pelo Tribunal Internacional, o qual processou apenas outros três ex-líderes do Khmer Vermelho, quais sejam: Ieng Sary, também conhecido como “Nuon Chea”, ideólogo do regime e chamado como o “Irmão Número Dois”, estando hierarquicamente na estrutura do Khmer Vermelho abaixo apenas de Pol Pot, e também ex-Ministro das Relações Exteriores do Camboja, inclusive, representando o Khmer Vermelho na ONU durante os anos 1980; Ieng Thirith, esposa de Ieng Sary – única mulher do grupo – ex-Ministra de Assuntos Sociais; e, Khieu Samphan, o Presidente do Kampuchea Democrático e ex-Chefe de Estado.

Estes últimos três acusados, foram presos e transferidos para a custódia do Tribunal Internacional apenas em 2007, quando formalmente se iniciou a investigação contra os mesmos, começando os julgamentos no dia 27 de junho de 2011 e, considerando que todos são octogenários, certamente não cumprirão a pena que lhes serão impostas.

É de se destacar que, a pretensão punitiva contra Ieng Sary e contra Ieng Thirith foram frustradas, posto que o primeiro faleceu no dia 14 de março de 2013 e a segunda foi considerada inapta a julgamento em setembro de 2012 por sofrer da doença de Alzheimer.<sup>110</sup>

Desta forma, observamos que a instalação do Tribunal Internacional para punir os responsáveis do genocídio cometido pelo Khmer Vermelho no Camboja durante o período do Kampuchea Democrático, ocorreu de forma tardia, podendo ser considerado um Tribunal praticamente inócuo, pois apenas uma sentença punitiva foi prolatada até o presente momento e, possivelmente, não alcançará mais nenhum dos pouquíssimos indivíduos processados. Neste diapasão, apontamos que a única vantagem da instalação do Tribunal Internacional no Camboja – por isso não ser totalmente inócuo – é a colheita de provas do genocídio para a preservação da memória dos fatos lamentáveis ocorridos no Camboja durante o período do Kampuchea Democrático.

---

<sup>109</sup> Nascido no dia 17 de novembro de 1942.

<sup>110</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <http://www.onu.org.br/camboja-tribunal-apoiado-pela-onu-sobre-genocidio-encerra-julgamento-apos-morte-de-acusado/>; acesso em 26 de junho de 2013.

## 9 Conclusão

No presente estudo, demonstrou-se a conjuntura histórica que acarretou, em um primeiro momento a formação do imperialismo europeu no século XIX e a conseqüente exploração do Camboja pela França e as Guerras Mundiais, após, a “divisão” do mundo pelas duas superpotências e a criação de regimes comunistas totalitários, principalmente na China e no Camboja, que seguiram inicialmente o modelo marxista-leninista soviético. Demonstramos que durante a Guerra Fria, o Camboja foi usado pelas potências mundiais, como um verdadeiro peão em um tabuleiro de xadrez, em que as questões humanitárias, o sofrimento, o terror e o extermínio de um quarto da população cambojana vítima de um genocídio perpetrado pelo seu próprio governo, se tornaram irrelevantes e foram esquecidos por toda comunidade mundial, diante dos interesses da política internacional das grandes e poderosas nações.

Não pretendemos apontar culpados, até porque o genocídio na magnitude do ocorrido no Camboja é o resultado de uma série de fatores históricos, culturais, econômicos e políticos. Contudo, devemos analisar ponderadamente o papel das nações imperialistas durante o século XIX, principalmente a França e a Grã-Bretanha, bem como o papel dos soviéticos, chineses e norte-americanos, no desencadear dos atos que culminaram com a tomada de poder do Khmer Vermelho no Camboja e do genocídio perpetrado durante o desvairado regime comunista do Kampuchea Democrático.

Relatamos, mesmo que sucintamente, o horror do genocídio cometido pelo Khmer Vermelho, a forma em que toda a população do Camboja foi vítima de um regime totalitário, em que milhões de pessoas foram mortas de forma violenta ou morreram de fome, como também os que sobreviveram permaneceram com traumas irrecuperáveis. Descrevemos que, mesmo despejados a força do poder, os líderes do Khmer Vermelho continuaram levando o terror a população cambojana por mais vinte anos, desfrutando da proteção da China e dos EUA, negando o genocídio até os fatos políticos de 1989 e 1991, que encerrariam a Guerra Fria. A política hipócrita da ONU, que hasteou a bandeira do Khmer Vermelho na fachada da sua sede durante muito tempo, anos depois, impôs a criação de um Tribunal Penal Internacional, para a punição dos responsáveis pelo genocídio, a contragosto do povo cambojano, que deseja esquecer o passado e retomar a normalidade da vida cotidiana, sem violência. Assim, concluímos que a instalação do Tribunal no Camboja foi inócuo, pois considerando que o genocídio no Camboja foi levado a cabo pelas mãos de milhares de assassinos, que permanecerão impunes, julgando apenas os últimos cinco altos líderes do Khmer Vermelho ainda vivos. Além disso, diante da

Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania – Volume 5 – nº 1 - 2014

magnitude do genocídio, dos milhões de mortos e outros milhões de traumatizados, nenhuma das vítimas será indenizada, em função da situação econômica do Camboja atual.

Por fim, destacamos apenas uma virtude do Tribunal Penal Internacional do Camboja, a preservação da memória, o genocídio cambojano deve ser sempre estudado e jamais esquecido, como um exemplo dos efeitos maléficos que os regimes totalitários e os interesses da política internacional são capazes de produzir.

### Referências Bibliográficas

AQUINO, Rubim Santos Leão de. (et al). **História das sociedades:** das sociedades modernas às sociedades atuais. 3. ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1988.

ARBEX JÚNIOR, José. **Revolução em três tempos:** URSS, Alemanha, China. São Paulo: Moderna, 1993.

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém:** um relato sobre a banalidade do mal. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Origens do totalitarismo.** Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ARNETT, Peter. **Ao vivo do campo de batalha** – do Vietnã a Bagdá, 35 anos em zonas de combate de todo o mundo. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BAPTISTA, Luiz Olavo. Os crimes de guerra no direito internacional de nossos dias. *In:* ROCHA, Maria Elizabeth Guimarães Teixeira; PETERSEN, Zilah Maria Callado Fadul (coord.). **Coletânea de estudos jurídicos.** Brasília: Superior Tribunal Militar, 2008. p. 700-710.

BRUNETEAU, Bernard. **O século dos genocídios.** Tradução de Isabel Andrade. Lisboa: Piaget, 2004.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca; ALMEIDA, Guilherme Assis de. (orgs). **MiniCódigo de Direitos Humanos.** Brasília: Teixeira Gráfica, 2010.

BARBEIRO, Heródoto. **História geral.** São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1984.

ENGELS, Friedrich. **Política.** Organizador da coletânea José Paulo Neto. Tradução José Paulo Neto et al. São Paulo: Ática, 1981.

FORGANES, Roseli. Camboja: onde a guerra nunca acaba. **Horizonte geográfico.** São Paulo, Audichromo, ano 10, n. 54, p. 54-62, nov./dez. 1997.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** Tradução de Galeno de Freitas. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.



HABERMAS, Jürgen. A revolução e a necessidade de revisão na esquerda – o que significa o socialismo hoje? *In*: BLAKBURN, Robin (org.). **Depois da queda**: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. Tradução de Luis Krausz. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992. pgs. 45-72.

HOBBSAWN, Eric J. **A Era das revoluções**: Europa 1789-1848. 21. ed. Tradução Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Era do capital**. 1848-1875. Tradução de Luciano Costa Neto. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Era dos impérios**. 1875 1914. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem** Tradução Waltensir Dutra. 20<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

HUDSON, Miles. **Assassinatos que abalaram o mundo**: os crimes políticos que mudaram a história. Tradução de Júlio França. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

HUNT, E. K.; SHERMAN, Howard J. **História do pensamento econômico**. Tradução de Jaime Larry Benchimol. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

KIERNAN, Ben. **Blood and soil**: a world history of genocide and extermination from Sparta to Darfur. New Haven: Yale University Press, 2007.

LUKACS, John. **O duelo: Churchill x Hitler**: 80 dias cruciais para a Segunda Guerra Mundial. Tradução de Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MARX, Karl. **O capital**. 2<sup>a</sup> ed. Tradução e condensação Gabriel Deville. Bauru: Edipro, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. Com ensaios de Antonio Labriola, Jean Jaurès, Leon Trotsky, Harold Laski, Lcien Martin, James Petras. Osvaldo Coggiola (org.). Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 1998.

MELLO, Celso Duvivier de Albuquerque. **Direitos humanos e conflitos armados**. Rio de Janeiro: Renovar, 1997.

MORAIS, Fernando. **Olga**. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

POWER, Samantha. **Genocídio**: a retórica americana em questão. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PESCHOUX, Christophe. O Khmer Vermelho à beira do colapso. *In*: RAMONET, Ignacio; GRESH, Alain. (cords.). **A desordem das nações**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1996.

REMARQUE, Erich Maria. **Nada de novo no front**. Tradução de Helen Rumjaneck. Porto Alegre: L&PM, 2004.

SANTOS, Raul Cristovão dos. De Smith a Marx: a economia política e a marxista. *In*: GREMAUD, Amaury Patrick (et al). **Manual de economia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

SCANTIMBURGO, João de. **O mal na história**: os totalitarismos no século XX. São Paulo: LTr, 1999.

SÉMELIN, Jacques. **Purificar e destruir**. Usos políticos dos massacres e genocídios. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

STORY, Jonathan. **China**: a corrida para o mercado. Tradução de Bázan tecnologia e lingüística. São Paulo: Futura, 2004.

VALENTIN, Veit. **História universal**. 7. ed. Tradução de Eduardo de Lima Castro. São Paulo: Martins, 1965.

VILAR, Pierre. A transição do feudalismo ao capitalismo. *In*: **Do feudalismo ao capitalismo**: uma discussão histórica. Theo Santiago (org.). Tradução de Theo Santiago. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1988.

WELLS, H. G. **História universal**. São Paulo: Editora Nacional, 1970. v. 9.